

O Menino Nicolau

Goscinnny e Sempé



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O Menino Nicolau

Goscinnny e Sempé



Ficha Técnica

Título: O menino Nicolau
Título original: Le petit Nicolas
Autor: Jean -Jacques Sempé
Tradução: Teresa Meneses
Revisão: José Costa
Capa: Carlos Miranda
ISBN: 9789722060875

Publicações Dom Quixote
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Éditions Denoël, 1960

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.pt

www.leya.com

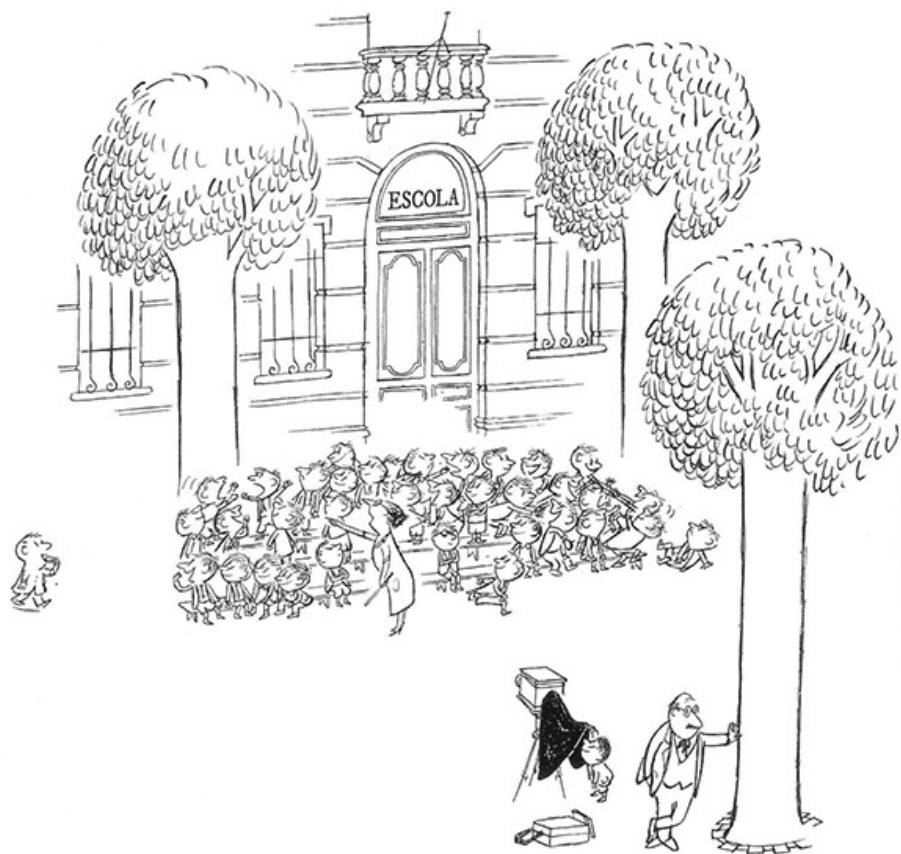
Sempé

Jean -Jacques Sempé nasceu em Bordéus, a 17 de agosto de 1932. Foi um aluno «mal comportado»... e, aos 19 anos, já se dedicava ao desenho humorístico. Colaborador de revistas como *Paris-Match*, *L'Express* e *Punch*, é autor de muitos (excecionais!) álbuns. É também o «pai» do Menino Nicolau.

Goscinny

Goscinny nasceu em Paris, a 14 de agosto de 1926, e faleceu em 1977. Colaborador da revista *Pilote*, teve um «filho» ilustre, que dá pelo nome de Astérix.

*Para Henri Amouroux,
padrinho deste Nicolau*





Uma recordação para toda a vida

Esta manhã, chegámos todos à escola muito contentes, porque vão tirar uma fotografia da turma que será para nós uma recordação para ficar para toda a vida, como nos disse a professora. Também nos disse para irmos bem limpos e bem penteados.

Foi com a cabeça cheia de brilhantina que entrei no pátio do recreio. Já lá estavam todos os colegas e a professora estava a ralar com o Godofredo, que tinha vindo vestido de marciano. O Godofredo tem um papá muito rico que lhe compra todos os brinquedos que ele quer. O Godofredo dizia à professora que queria mesmo ser fotografado à marciano e que de contrário se iria embora.

O fotógrafo também lá estava com a sua máquina, e a professora disse-lhe que tinha de se despachar, senão íamos faltar à aula de aritmética. O Aniano, que é o melhor da aula e o menino-bonito da professora, disse que seria uma pena não termos aritmética, porque gostava disso e tinha feito bem todos os problemas. O Eudes, um colega que é muito forte, queria dar um murro no nariz do Aniano, mas o Aniano tem óculos e não se lhe pode bater tanto quanto se gostaria. A professora pôs-se a gritar que éramos insuportáveis e que se aquilo continuasse não haveria fotografia e iríamos para a aula. O fotógrafo, então, disse: «Vamos, vamos lá, calma, calma. Eu sei como é que se deve falar com as crianças, vai tudo correr bem.»

O fotógrafo decidiu que tínhamos de nos pôr em três filas; a primeira fila sentada no chão, a segunda em pé à volta da professora, que estaria sentada numa cadeira, e a terceira em pé em cima de caixas. Tem de facto boas ideias, o fotógrafo.

As caixas, fomos procurá-las à cave da escola. Divertimo-nos muito, porque não havia muita luz na cave e o Rufus tinha enfiado um saco velho na cabeça e gritava: «Hu! Sou o fantasma.» E depois vimos chegar a professora. Não estava com um ar contente, por isso fomos embora depressa com as caixas. O único que ficou foi o Rufus. Com o saco, não via o que se passava e continuou a gritar: «Hu! Sou o fantasma» e foi a professora que lhe tirou o saco. O Rufus ficou bestialmente espantado.



De volta ao pátio, a professora largou a orelha do Rufus e bateu com a mão na

testa. «Mas vocês estão todos pretos», disse ela. Era verdade, ao fazer palhaçadas na cave tínhamo-nos sujado um pouco. A professora não estava contente, mas o fotógrafo disse-lhe que não era grave, tínhamos tempo de nos lavarmos enquanto ele arrumava as caixas e a cadeira para a fotografia. Com exceção do Aniano, o único que tinha a cara limpa era o Godofredo, porque tinha a cabeça no capacete de marciano, que é parecido com um frasco de boca larga. «Está a ver», disse Godofredo à professora, «se todos tivessem vindo vestidos como eu, não haveria histórias.» Vi que a professora tinha muita vontade de puxar as orelhas ao Godofredo, mas o frasco não tinha sítio por onde se pegar. Este fato de marciano é um truque incrível!

Voltámos depois de nos termos lavado e penteado. Estávamos bastante molhados, mas o fotógrafo disse que não fazia mal, que na fotografia isso não se via.

«Bem», disse-nos o fotógrafo, «querem agradar à vossa professora?» Respondemos que sim, porque gostamos muito da professora, ela é extremamente simpática quando não a fazemos zangar. «Então», disse o fotógrafo, «vão com juízo tomar os vossos lugares para a fotografia. Os maiores em cima das caixas, os médios de pé, e os pequenos sentados». Nós lá fomos e o fotógrafo estava a explicar à professora que se consegue tudo das crianças quando se é paciente, mas a professora não o conseguiu ouvir até ao fim. Teve de nos vir separar, porque queríamos todos ficar em cima das caixas.

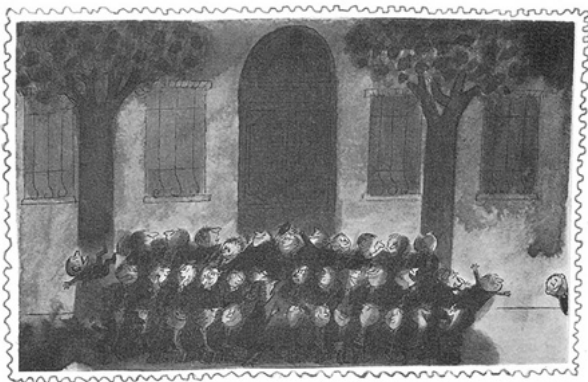
«Aqui só há um grande, sou eu!», gritava o Eudes e empurrava os que queriam subir para cima das caixas. Como o Godofredo insistia, o Eudes deu-lhe um murro no frasco e magoou-se muito. Tivemos de ser vários a tirar o frasco do Godofredo, que se tinha entalado.

A professora disse-nos que nos fazia um último aviso, depois seria a aula de aritmética, então pensámos que precisávamos de ficar quietos e começámos a instalar-nos. O Godofredo aproximou-se do fotógrafo, «é o quê, a sua máquina?» perguntou ele. O fotógrafo sorriu e disse: «É uma caixa de onde vai sair um passarinho, meu rapaz.» «O seu aparelho é velho», disse o Godofredo, «o meu pai deu-me um com para-sol, grande angular, teleobjetiva e, claro, filtros...» O fotógrafo pareceu surpreso, deixou de sorrir e disse ao Godofredo para voltar para o seu lugar. «Será que pelo menos tem uma célula fotoelétrica?», perguntou o Godofredo. «É a última vez que te digo, volta para o teu lugar!», gritou o fotógrafo que, de repente, ficou com um ar muito nervoso.



Instalámo-nos. Cá eu estava sentado no chão, ao lado do Alceste. O Alceste é o

meu colega que é muito gordo e que passa a vida a comer. Estava a morder numa fatia de pão com doce e o fotógrafo disse-lhe para deixar de comer, mas o Alceste respondeu que ele precisava de se alimentar. «Larga essa fatia!», gritou a professora, que estava sentada precisamente atrás do Alceste. O Alceste ficou tão espantado que deixou cair o pão com doce na camisa. «Lindo serviço», disse o Alceste, tentando rapar o doce com o pão. A professora disse que só havia uma coisa a fazer, era pôr o Alceste na última fila para que não se visse a nódoa na camisa. «Eudes», disse a professora, «dê o lugar ao seu colega.» «Não é meu colega», respondeu o Eudes, «não ficará com o meu lugar e que se ponha de costas na fotografia, assim não se verá a nódoa nem a sua cara gorda.» A professora zangou-se e deu ao Eudes o castigo de conjugar o verbo: «Eu não devo recusar-me a dar o meu lugar a um colega que deixou cair uma fatia de pão com doce na camisa.» O Eudes não disse nada, desceu da caixa e veio até à primeira fila, enquanto o Alceste ia para a última fila. Isso provocou uma certa desordem, sobretudo quando o Eudes passou pelo Alceste e lhe deu um murro no nariz. O Alceste quis dar um pontapé ao Eudes, mas o Eudes esquivou-se, é muito ágil, e foi o Aniano que apanhou com o pé, felizmente no sítio onde não tem óculos. Isso não impediu o Aniano de se pôr a chorar e a berrar que já não via, que ninguém gostava dele e que queria morrer. A professora consolou-o, assoou-o, voltou a penteá-lo e castigou o Alceste; ele tem de escrever cem vezes: «Eu não devo bater num colega que não implica comigo e que usa óculos.» «Bem feito», disse o Aniano. Então a professora também lhe deu umas linhas para escrever. O Aniano ficou de tal maneira espantado que nem sequer chorou. A professora começou a distribuir os castigos de uma forma bem gira, todos tínhamos montes de linhas para escrever, e por fim a professora disse-nos: «Agora, têm de se resolver a estar quietos. Se forem simpáticos, levantarei todos os castigos. Vá, vão fazer pose, fazer um lindo sorriso, e o senhor vai-nos tirar uma bela fotografia!» Como não queríamos aborrecer a professora, obedecemos. Todos sorrimos e ficámos em pose.

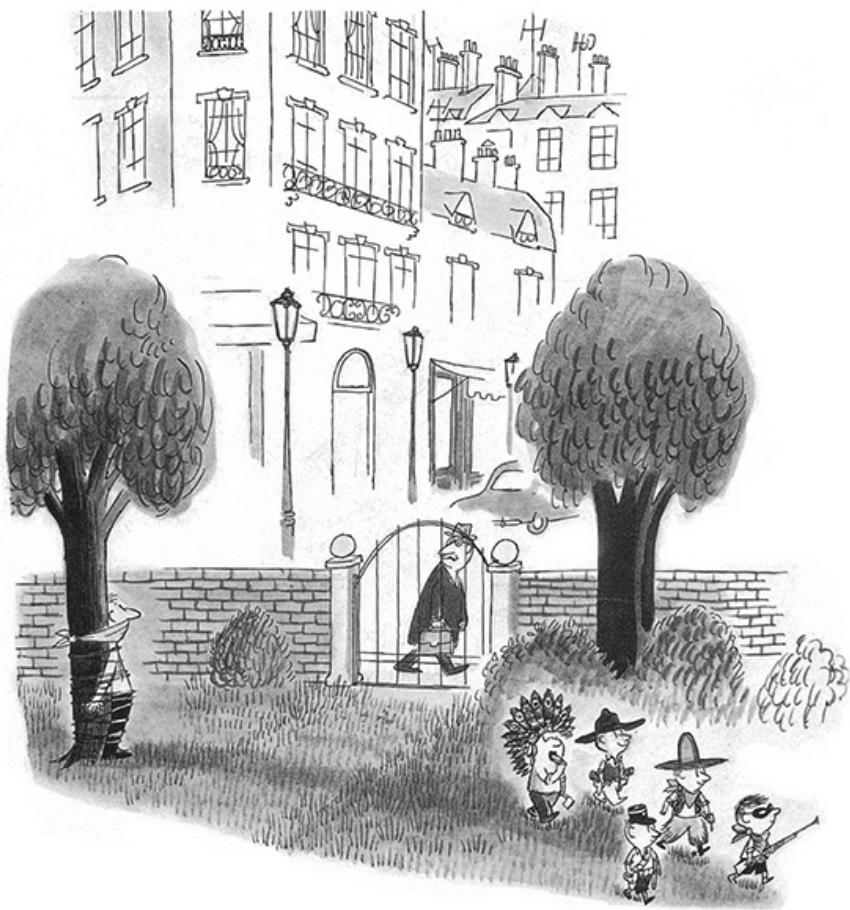


Em cima, da esquerda para a direita: Martim (que se mexeu), Poulot, Dubéda, Coussignon, Rufus, Adalberto, Eudes, Champignac, Lefèvre, Toussaint, Charlier, Sarigaut.

No meio: Paulo Bojojofe, Tiago Bojojofe, Marcou, Lafontan, Lebrun, Dubos, Delmont, de Fontagnès, Martineau, Godofredo, Mespoulet, Falot, Lafageon.

Sentados: Rignon, Guyot, Aníbal, Croutsef, Bergès, a professora, Aniano, Nicolau, Faribol, Grossini, Gonzalez, Pichenet, Alceste e Mouchevin (que foi mandado embora).

Mas, quanto à recordação para ficar para toda a vida, falhou, porque demos conta que o fotógrafo já lá não estava. Tinha-se ido embora, sem dizer nada.





Os cow-boys

Convidei os meus amigos para irem lá a casa esta tarde para brincar aos *cow-boys*. Chegaram com todos os acessórios. O Rufus tinha posto todos os apetrechos de polícia que lhe tinha oferecido o pai, com o boné, as algemas, o revólver, o cassetete e o apito. O Eudes trazia o velho chapéu de escuteiro do irmão mais velho e um cinturão com montes de cartuchos de madeira e dois estojos onde havia revólveres terríveis com coronhas feitas do mesmo tipo de osso que a caixa de pó de arroz que o meu pai comprou à minha mãe depois de terem discutido por causa do assado que estava demasiado passado mas a mãe dizia que era porque o pai tinha chegado atrasado. O Alceste estava à índio, tinha um machado de madeira e penas na cabeça, parecia um frango gordo. O Godofredo, que gosta muito de se disfarçar e que tem um pai muito rico que lhe dá tudo o que ele quer, estava completamente vestido à *cow-boy*, com umas calças de carneira, um colete de couro, uma camisa aos quadrados, um grande chapéu, revólveres de fulminantes e esporas com umas pontas terríveis. Cá eu tinha uma máscara preta que me tinham dado pelo Carnaval, a espingarda de flechas e um lenço da minha mãe. Estávamos giros!



Estávamos no jardim e a mãe tinha-nos dito que nos chamaria para a merenda. «Bem», disse eu, «é assim, eu sou o rapaz e tenho um cavalo branco e vocês são os bandidos, mas no fim sou eu quem ganha.» Os outros não estavam de acordo, e é isso que é aborrecido, quando se brinca sozinho não é divertido e quando não se está sozinho os outros provocam montes de discussões. «Porque é que não hei de ser eu o rapaz», disse o Eudes, e depois, «porque é que também não hei de ter um cavalo branco?» «Com a cara que tens não podes ser o rapaz», disse o Alceste. «Tu, ó índio, cala-te ou dou-te um pontapé na mitra!», disse o Eudes, que é muito forte e que gosta muito de dar murros no nariz dos colegas, e o pontapé na mitra espantou-me, mas é verdade que o Alceste se parecia muito com um frango gordo.

«De qualquer maneira, eu», disse o Rufus, «serei o xerife.» «O xerife?», disse o Godofredo. «Onde é que tu já viste um xerife com um boné, fazes-me rir!» Isso, isso é que não agradou ao Rufus, cujo pai é polícia. «O meu pai», disse ele, «usa boné e não faz rir ninguém!» «Faria rir toda a gente se se vestisse assim no Texas», disse o Godofredo, e o Rufus deu-lhe uma bofetada, então o Godofredo tirou um revólver do estojo e disse-lhe: «Vais-te arrepender, Joe!», e o Rufus deu-lhe outra bofetada e o Godofredo caiu sentado no chão fazendo *pum!* com o revólver. Então o Rufus agarrou-se à barriga, fez montes de caretas e caiu dizendo: «Apanhaste-me, apanhaste-me, coioite, mas hei de vingar-me!»



Cá eu galopava pelo jardim dando palmadas nos calções para avançar mais depressa, e o Eudes aproximou-se de mim. «Desce desse cavalo», disse ele. «O cavalo branco, sou eu que o tenho!» «Não senhor», disse eu, «estou em minha casa e o cavalo branco sou eu que o tenho», e o Eudes deu-me um murro no nariz. O Rufus apitou com muita força. «És um ladrão de cavalos», disse ele ao Eudes, «e em Kansas City, aos ladrões de cavalos, enforcamo-los!» Então o Alceste veio a correr e disse: «Um minuto! Não o podes enforcar, o xerife sou eu!» «Desde quando, galináceo?», perguntou o Rufus. O Alceste, que no entanto não gosta de andar à pancada, agarrou no machado de madeira e com o cabo, truz!, deu uma pancada na cabeça do Rufus, que não estava à espera. Felizmente que o Rufus tinha o boné na cabeça. «O meu boné! Partiste-me o boné!», gritou o Rufus, e pôs-se a correr atrás do Alceste, enquanto eu galopava de novo à volta do jardim.



«Vamos, rapazes», disse o Eudes, «parem! Tenho uma ideia. Nós seremos os bons e o Alceste a tribo dos índios, e ele tenta capturar-nos e depois faz um prisioneiro, mas nós chegamos e libertamos o prisioneiro e depois o Alceste é vencido!» Todos éramos a favor desta ideia, que na verdade era bem gira, mas o

Alceste não estava de acordo. «Porque é que hei de fazer de índio?», disse o Alceste. «Porque tens penas na cabeça, palerma!», respondeu o Godofredo, «e se isso não te agradar, já não jogas, de verdade, afinal tu só nos aborreces!» «Tá bem, já que é assim, não jogo mais», disse o Alceste, e foi para um canto amuar e comer um pãozinho de chocolate que tinha no bolso. «Ele tem de jogar», disse o Eudes, «é o único índio que temos, aliás, se não jogar, depeno-o!» O Alceste disse que sim, que estava bem, mas na condição de no fim ser um índio bom. «Está bem, está bem», disse o Godofredo, «que mania de contrariar, irra!» «E quem é que será o prisioneiro?», perguntei eu. «Bem, será o Godofredo», disse o Eudes, «vamos atá-lo à árvore com a corda da roupa.» «O que é isso?», perguntou o Godofredo, «porquê eu? Não posso ser o prisioneiro, porque sou o mais bem vestido de todos!» «E então?», respondeu o Eudes, «cá eu não é por ter um cavalo branco que deixo de jogar!» «O cavalo branco sou eu que o tenho!», disse eu. O Eudes zangou-se, disse que o cavalo branco era dele e que se isso não me agradasse que me daria outro murro no nariz. «Experimenta!», disse eu, e ele conseguiu. «Não te mexas, Oklahoma Kid!», gritava o Godofredo e dava tiros para todo o lado. Quanto ao Rufus, apitava e dizia: «Viva, sou o xerife, viva, vou prender-vos a todos!», e o Alceste deu-lhe uma machadada no boné dizendo que o fazia prisioneiro e o Rufus zangou-se porque o apito tinha caído no meio da erva, cá eu chorava e dizia ao Eudes que aqui estava em minha casa e que não queria voltar a vê-los; toda a gente gritava, era giro, divertíamos-nos muito, extraordinário.



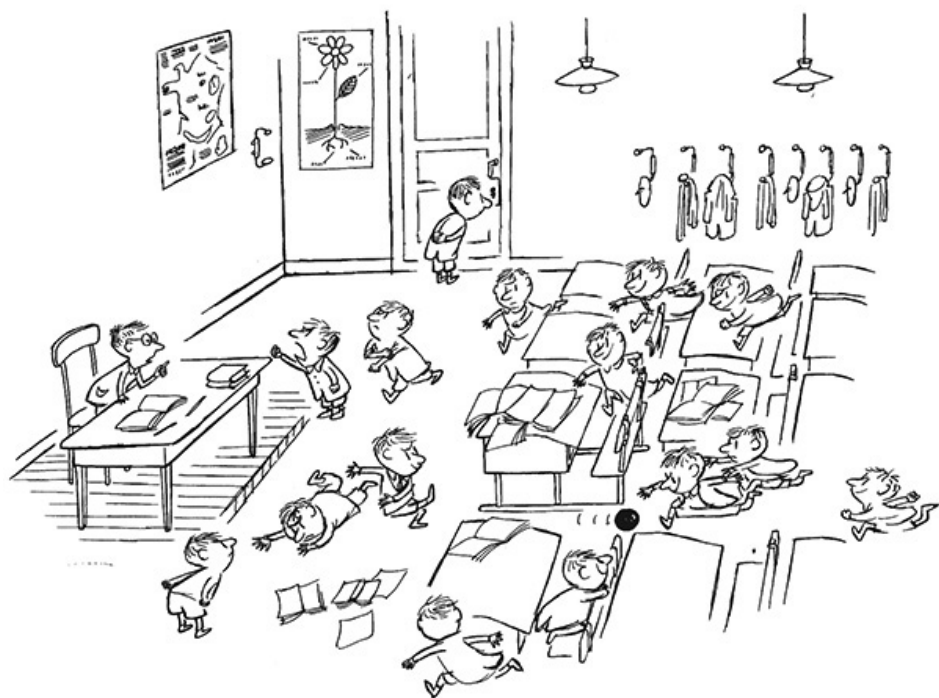
E depois o meu pai saiu de casa. Com um ar pouco contente. «Ouçam lá,

meninos, o que é essa algazarra, não sabem brincar com sossego?» «É por causa do Godofredo, ele não quer ser o prisioneiro!», disse o Eudes. «Queres levar?», perguntou o Godofredo, e recomeçaram a andar à pancada, mas o meu pai separou-os. «Vamos lá, meninos», disse ele, «vou mostrar-vos como é que se deve brincar. O prisioneiro serei eu!» Ficámos bestialmente contentes! O meu pai é extraordinário! Atámo-lo à árvore com a corda da roupa, e mal tínhamos acabado vimos o senhor Blédurt saltar a cerca do jardim.

O senhor Blédurt é o nosso vizinho que gosta muito de arrelhar o meu pai. «Eu também quero brincar, vou ser o pele-vermelha! Touro em Pé!» «Sai daqui, Blédurt, não foste para aqui chamado!» O senhor Blédurt era formidável, pôs-se diante do meu pai de braços cruzados e disse: «Que o cara pálida refreie a língua!» O pai fazia esforços incríveis para se libertar da árvore e o senhor Blédurt pôs-se a dançar à volta da árvore soltando gritos. Nós bem gostaríamos de ter ficado a ver o meu pai e o senhor Blédurt a divertirem-se e a fazer de palhaços, mas não pudemos pois a minha mãe chamou-nos para comer e depois fomos para o meu quarto brincar com o comboio elétrico. O que eu não sabia é que o meu pai gostava tanto de brincar aos *cow-boys*. Quando descemos, ao fim da tarde, o senhor Blédurt já se tinha ido embora há muito tempo, mas o meu pai continuava atado à árvore a gritar e a fazer caretas.

É giro saber brincar sozinho, assim!







O Caldo

Hoje, a professora faltou à escola. Estávamos no recreio, em fila, para entrar para a aula, quando o vigilante nos disse: «A vossa professora hoje está doente».

E depois o senhor Dubon, o vigilante, levou-nos para a aula. Ao vigilante, chamam-lhe o Caldo, quando não está presente, claro. Chamam-lhe assim, porque ele passa a vida a dizer: «Olhem-me nos olhos», e no caldo há olhos. Eu também não compreendi logo, foram os grandes que me explicaram. O Caldo tem um grande bigode e castiga-nos muitas vezes, com ele é melhor não brincar. Foi por isso que ficámos aborrecidos por ele nos vir vigiar, mas, felizmente, ao chegar à aula disse-nos: «Não posso ficar convosco, tenho de trabalhar com o senhor Diretor, portanto, olhem-me nos olhos e prometam-me ter juízo.» Os nossos montes de olhos olharam todos para os seus e prometemos. Aliás, somos sempre bastante ajuizados.

Mas o Caldo estava com um ar desconfiado, então perguntou quem era o melhor aluno da aula. «Sou eu!», disse o Aniano, todo orgulhoso. E é verdade, o Aniano é o melhor da aula, é também o menino-bonito da professora e não gostamos muito dele, mas não lhe podemos bater tanto quanto gostaríamos, por causa dos óculos. «Bem», disse o Caldo, «vais sentar-te no lugar da professora e vais vigiar os teus colegas. Eu virei de vez em quando para ver como é que as coisas se estão a passar. Revejam as vossas lições.» O Aniano, todo contente, foi sentar-se à secretária da professora e o Caldo foi-se embora.



«Bem», disse o Aniano, «como devíamos ter aritmética, peguem nos vossos cadernos, vamos fazer um problema.» «Não serás meio maluco?», perguntou o Clotário. «Clotário, cale-se!», gritou o Aniano, que estava mesmo com ar de se considerar a professora. «Vem dizer-me isso aqui, se és homem!», disse o Clotário, e a porta da aula abriu-se e vimos entrar o Caldo todo contente. «Ah!», disse ele.

«Tinha ficado atrás da porta para ouvir. Você, aí, olhe-me nos olhos!» O Clotário olhou, mas o que viu não parecia dar-lhe assim tanto prazer. «Vai-me conjugar o verbo: eu não devo ser grosseiro para com um colega que está encarregado de me vigiar e que me quer mandar fazer problemas de aritmética.» Depois de ter dito isto, o Caldo saiu, mas prometeu-nos que voltaria.

O Joaquim ofereceu-se para espreitar o vigilante à porta, todos estávamos de acordo, exceto o Aniano, que gritava: «Joaquim, para o seu lugar!» O Joaquim deitou a língua de fora ao Aniano, sentou-se diante da porta e pôs-se a olhar pelo buraco da fechadura. «Não vem lá ninguém, Joaquim?», perguntou o Clotário. O Joaquim respondeu que não via nada. Então o Clotário levantou-se e disse que ia fazer engolir o livro de aritmética ao Aniano, o que de facto era uma ideia divertida, mas isso não agradou ao Aniano, que gritou: «Não! Tenho óculos!» «Também os vais engolir!», disse o Clotário, que queria a toda a força que o Aniano comesse qualquer coisa. Mas o Godofredo disse que não valia a pena perder tempo com parvoíces, que seria bem melhor jogar à bola. «E os problemas, então?», perguntou o Aniano, que não estava com um ar lá muito satisfeito, mas nós não prestámos atenção e começámos a fazer passes e é bestialmente giro jogar entre as carteiras. Quando for grande, hei de comprar uma aula, só para lá jogar dentro. E depois ouvimos um grito e vimos o Joaquim sentado no chão e a agarrar o nariz com as mãos. Era o Caldo que acabava de abrir a porta e o Joaquim não o deve ter visto chegar. «O que é que tens?», perguntou o Caldo, muito espantado, mas o Joaquim não respondeu, fazia ui ui e era tudo, então o Caldo pegou nele e levou-o lá para fora. Nós apanhámos a bola e voltámos para os nossos lugares.

Quando o Caldo voltou com o Joaquim, que tinha o nariz todo inchado, disse-nos que começava a estar farto e que, se aquilo continuasse, iríamos ver o que acontecia. «Porque é que não seguem o exemplo do vosso colega Aniano?», perguntou ele, «reparem, ele é ajuizado». E o Caldo foi-se embora. Perguntámos ao Joaquim o que é que lhe tinha acontecido e ele respondeu-nos que se tinha deixado dormir de tanto olhar pelo buraco da fechadura.

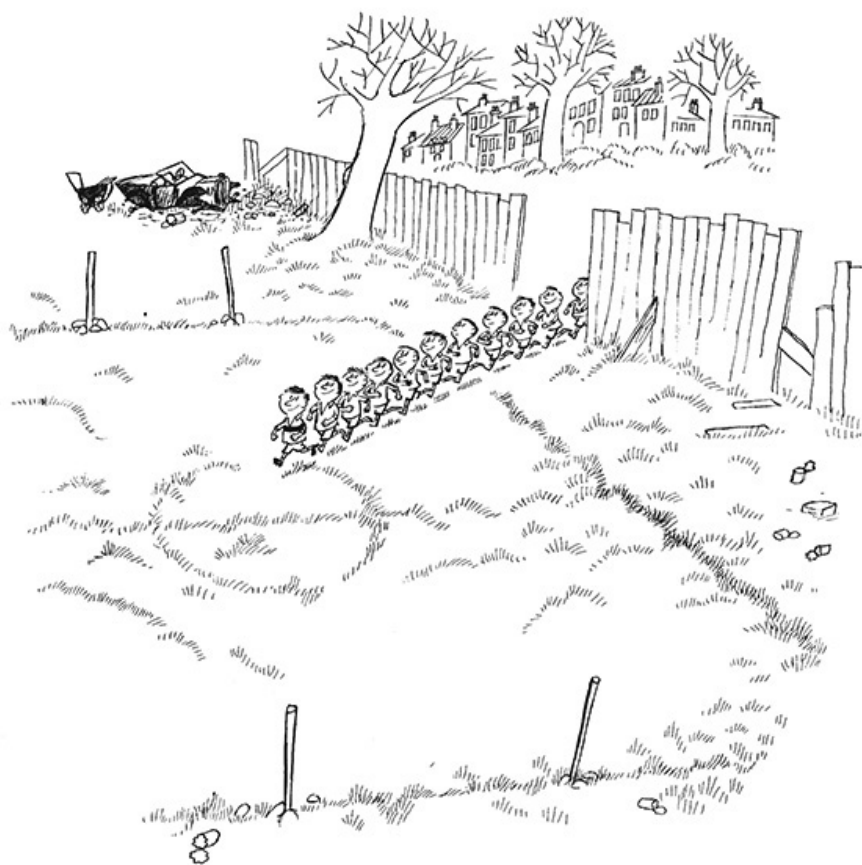


«Um quinteiro vai à feira», disse o Aniano, «num cesto tem vinte e oito ovos a quinhentos francos a dúzia...» «Foi por tua causa, a pancada no nariz», disse o Joaquim. «Boa!», disse o Clotário, «vamos-lhe fazer engolir o livro de aritmética, com o quinteiro, com os ovos e com os óculos!» O Aniano, então, pôs-se a chorar,

disse-nos que éramos maus e que ia dizer aos pais e que eles nos fariam expulsar a todos e o Caldo abriu a porta. Tínhamo-nos todos sentado nos nossos lugares e ninguém dizia nada e o Caldo olhou para o Aniano, que chorava sozinho, sentado à secretária da professora. «Então o que é isto», disse ele, o Caldo, «agora é você que se distrai? Vão pôr-me maluco! De cada vez que cá venho, há sempre um que faz de palhaço! Olhem para mim bem nos olhos, todos! Se voltar uma vez mais e vir alguma coisa de anormal, serei severo!», e foi-se embora outra vez. Cá nós pensámos que já não era altura de fazer palhaçadas, porque o vigilante, quando não está satisfeito, dá cá uns destes castigos! Não nos mexíamos, ouvia-se apenas o fungar do Aniano e o mastigar do Alceste, um colega que passa a vida a comer. E depois ouviu-se um barulhinho para os lados da porta. Viu-se a maçaneta da porta a rodar muito devagarinho e depois a porta começou a abrir-se, pouco a pouco, chiando. Todos olhávamos e não respirávamos muitas vezes, até o Alceste deixou de mastigar. E, de repente, houve um que gritou: «É o Caldo!» A porta abriu-se e o Caldo entrou, completamente vermelho. «Quem é que disse isso?», perguntou ele. «Foi o Nicolau!», disse o Aniano. «Não é verdade, grande mentiroso!», e era verdade que não era verdade, quem tinha dito aquilo tinha sido o Rufus. «Foste tu! Foste tu! Foste tu!», gritou o Aniano e pôs-se a chorar. «Vais ficar de castigo!», disse-me o Caldo. Então pus-me a chorar, disse que não era justo e que deixaria a escola e que haviam de sentir muito a minha falta. «Não foi ele, foi o Aniano que disse o Caldo!», gritou o Rufus. «Não fui eu que disse o Caldo!», gritou o Aniano. «Disseste o Caldo, ouvi perfeitamente dizeres o Caldo, o Caldo!» «Bem, deixem lá», disse o Caldo, «vão ficar todos de castigo!» «Porquê eu?», perguntou o Alceste. «Eu cá não disse o Caldo!» «Não quero ouvir nem mais uma vez essa alcunha ridícula, compreenderam?», gritou o Caldo, que estava com um ar bestialmente enervado. «Não vou ficar de castigo!», gritou o Aniano, e rebolou-se no chão a chorar e tinha soluços e ficou todo vermelho e depois todo azul. Na aula, quase toda a gente gritava ou chorava, pensei que o Caldo também ia começar, quando o Diretor entrou. «O que é que se passa, ó Cal... senhor Dubon?», perguntou o Diretor. «Já não sei, senhor Diretor», respondeu o Caldo, «um rebolese no chão, outro deita sangue pelo nariz quando abro a porta, o resto berra, nunca vi coisa assim! Nunca!» E o Caldo passava a mão pelos cabelos e o bigode mexia-se em todas as direções.

No dia seguinte, a professora voltou, mas o Caldo faltou.







O futebol

O Alceste marcou-nos um encontro, a um monte de colegas da aula, para esta tarde no terreno vago, perto de casa. O Alceste é meu amigo, é gordo, gosta muito de comer, e se nos marcou um encontro foi porque o pai lhe deu uma bola de futebol novinha em folha e vamos fazer um desafio magnífico. O Alceste é porreiro.

Encontrámo-nos no campo às três da tarde, éramos dezoito. Tivemos de decidir como constituir as equipas, para que houvesse o mesmo número de jogadores de cada lado.

Quanto ao árbitro, foi fácil. Escolhemos o Aniano. O Aniano é o melhor aluno da aula, não gostamos muito dele, mas como usa óculos não lhe podemos bater, o que, para árbitro, é uma boa coisa. E além disso nenhuma das equipas queria o Aniano, porque não é muito bom em desporto e chora com demasiada facilidade. A discussão foi quando o Aniano pediu para lhe darem um apito. O único que tinha um era o Rufus, cujo pai é polícia.

«Não posso emprestar o apito», disse o Rufus, «é uma recordação de família.» Não havia nada a fazer. Por fim, decidimos que o Aniano avisava o Rufus e o Rufus apitava em vez do Aniano.

«Então? Jogamos ou não? Cá eu começo a ter fome!», gritou o Alceste.

Mas onde tudo se complicou é que, se o Aniano era árbitro, já só éramos dezassete jogadores, o que dava um a mais na divisão. Então, arranjámos uma maneira: um seria o juiz de linha e agitaria uma bandeira sempre que a bola saísse do campo. Foi o Maixent o escolhido. Um só juiz de linha não é muito para vigiar o campo todo, mas o Maixent corre muito depressa, tem as pernas muito compridas e muito magras, com uns joelhos grandes e sujos. Mas o Maixent não queria saber de coisas, queria jogar à bola, e além disso disse-nos que não tinha bandeira. De qualquer forma aceitou ser juiz de linha durante a primeira parte. Quanto à bandeira, agitaria o lenço, que não estava limpo, mas é claro, ao sair de casa não sabia que o lenço ia servir de bandeira.

«Bem, vamos a isso?», gritou o Alceste.

Depois era mais fácil, já só éramos dezasseis jogadores.



Era preciso um capitão para cada equipa. Mas toda a gente queria ser capitão. Toda a gente exceto o Alceste, que queria ser guarda-redes, porque não gosta de correr. Nós estávamos de acordo, o Alceste é bom como guarda-redes; é muito largo e cobre bem a baliza. Mesmo assim ficavam quinze capitães, o que dava vários a mais.

«Eu sou o mais forte», gritava o Eudes, «tenho de ser o capitão, e darei um murro no nariz daquele que não estiver de acordo!»

«O capitão sou eu, sou o mais bem vestido!», gritou o Godofredo, e o Eudes deu-lhe um murro no nariz.

No entanto, era verdade que o Godofredo estava bem vestido; o pai, que é muito rico, tinha-lhe comprado um equipamento completo de jogador de futebol, com uma camisola vermelha, branca e azul.

«Se não for eu o capitão», gritou o Rufus, «chamo o meu pai e ele mete-vos todos na cadeia!»

Cá eu tive a ideia de tirar à sorte com uma moeda. Com duas moedas, porque a primeira perdeu-se na erva e nunca mais a encontrámos. A moeda, tinha sido o Joaquim que a tinha emprestado e não estava nada contente por a ter perdido; pôs-se à procura dela, apesar de o Godofredo lhe ter prometido que o pai lhe enviaria um cheque para o reembolsar. Por fim, foram escolhidos os dois capitães: eu e o Godofredo.

«Ouçam lá, a mim não me apetece chegar atrasado para o lanche», gritou o Alceste. «Jogamos ou não?»

Depois tivemos de formar as equipas. Não havia problemas com ninguém, exceto com o Eudes. Tanto eu como o Godofredo queríamos o Eudes, porque, quando corre com a bola, ninguém o para. Não joga muito bem, mas mete medo. O

Joaquim estava todo contente porque tinha encontrado a moeda, então pedimos-lhe para tirar o Eudes à sorte, e voltámos a perder a moeda. O Joaquim voltou a procurá-la, e desta vez muito zangado, e foi à sorte que o Godofredo ganhou o Eudes. O Godofredo designou-o como guarda-redes, pensando que ninguém se atreveria a aproximar-se da baliza e ainda menos a lá enfiar a bola. O Eudes irrita-se com facilidade. O Alceste comia bolachas, sentado entre as pedras que marcavam a baliza. Não estava com um ar lá muito contente. «Então, começamos ou não?», gritava ele.



Colocámo-nos no terreno. Como só éramos sete de cada lado, à parte os guarda-redes, não foi muito fácil. Em cada equipa começou-se a discutir. Havia uma quantidade que queriam ser avançados-centro. O Joaquim queria ser defesa-direito, mas era porque a moeda tinha caído naquele canto e ele queria continuar a procurá-la enquanto jogava.

Na equipa do Godofredo arrumaram-se muito depressa, porque o Eudes deu uma quantidade de murros, e os jogadores puseram-se nos seus lugares sem protestar e esfregando o nariz. É que o Eudes bate com força!

Na minha equipa não conseguíamos pôr-nos de acordo, até que o Eudes disse que nos viria dar também uns murros. Então colocámo-nos.

O Aniano disse ao Rufus: «Apita!», e o Rufus, que jogava na minha equipa, apitou o pontapé de saída. O Godofredo não estava satisfeito. Disse: «São muito espertos! Nós temos o Sol a dar-nos nos olhos! Não sei porque é que a minha equipa há de jogar do lado mau do terreno!»

Cá eu respondi-lhe que se o Sol não lhe agradava, que fechasse os olhos, que talvez jogasse melhor assim. Então andámos à pancada. O Rufus começou a apitar.

«Eu não dei ordem para apitar», gritou o Aniano, «o árbitro sou eu!» Isso não agradou ao Rufus, que disse que não precisava da licença de Aniano para apitar, que apitaria quando lhe apetecesse, que era o que lhe faltava. E pôs-se a apitar como um doido. «Tu és mau, é o que és!», gritou o Aniano, que começou a chorar.

«Eh, rapazes!», disse o Alceste, na sua baliza.

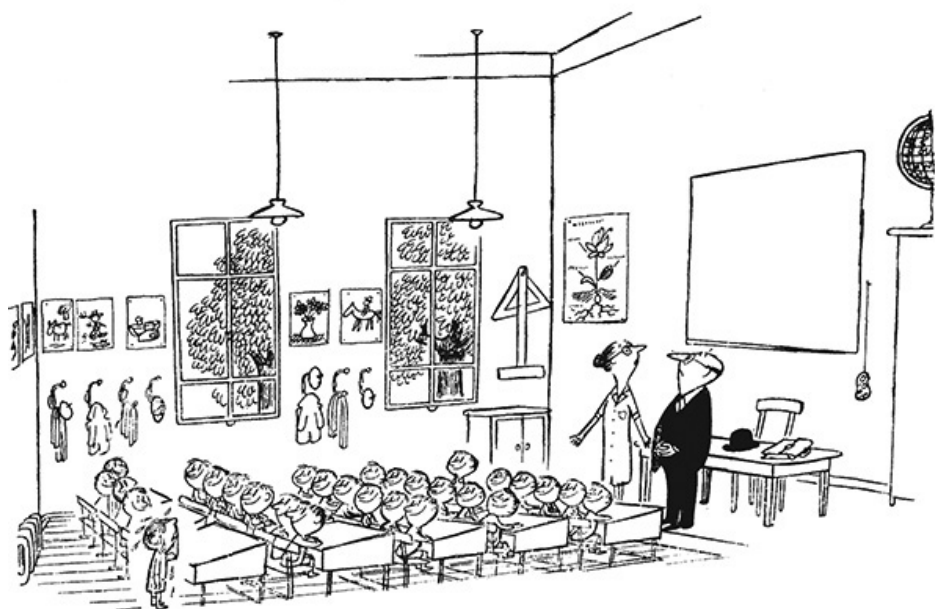
Mas ninguém lhe prestava atenção. Eu continuava à pancada com o Godofredo, tinha-lhe rasgado a bela camisola vermelha, branca e azul, e ele dizia: «Ah, ah, ah! Não faz mal! O meu pai compra-me muitas mais!» E dava-me pontapés nos tornozelos. O Rufus corria atrás do Aniano, que gritava: «Tenho óculos! Tenho óculos!» O Joaquim não se preocupava com ninguém, procurava a sua moeda, mas continuava a não a encontrar. O Eudes, que tinha ficado calmamente na sua baliza, fartou-se e começou a distribuir socos pelos narizes que estavam mais perto dele, isto é, pelos da sua equipa. Toda a gente gritava, corria. De facto divertíamos-nos muito, era formidável!

«Parem, rapazes!», gritou o Alceste novamente.

Então o Eudes zangou-se. «Estavas com pressa de jogar», disse ele ao Alceste, «então, joga-se. Se tens alguma coisa a dizer, espera pelo intervalo!»

«O intervalo de quê?», perguntou o Alceste. «Acabo de dar conta de que não temos bola, esqueci-me dela em casa!»

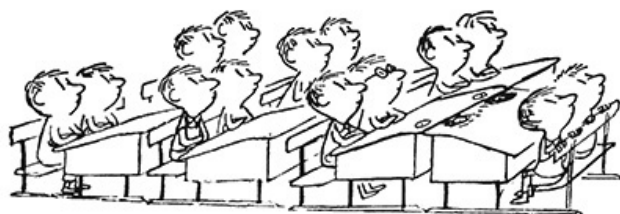






Chegou o inspetor

A professora entrou na aula muito nervosa. «O senhor Inspetor está na escola», disse-nos ela, «conto convosco para serem ajuizados e causarem uma boa impressão.» Nós prometemos que iríamos portar-nos bem, aliás a professora não tem motivos para se preocupar, somos quase sempre ajuizados. «Aviso-os», disse a professora, «que é um novo inspetor, o antigo já estava habituado a vocês, mas reformou-se...» E depois a professora fez-nos montes e montes de recomendações, proibiu-nos de falar sem nos terem perguntado nada, de rir sem autorização, pediu-nos para não deixarmos cair berlindes como da última vez em que o inspetor tinha vindo e tinha caído no chão, pediu ao Alceste para deixar de comer enquanto o inspetor lá estivesse e disse ao Clotário, que é o pior da aula, para não se salientar. Às vezes pergunto-me se a professora não nos tomará por palhaços. Mas, como gostamos muito dela, da professora, prometemos-lhe tudo o que quis. A professora olhou para ver se a aula e nós estávamos bem limpos e disse que a aula estava mais limpa do que alguns de nós. E depois pediu ao Aniano, que é o melhor da aula e o menino-bonito, para pôr tinta nos tinteiros, para o caso de o inspetor querer fazer-nos um ditado. O Aniano pegou no grande frasco de tinta e ia começar a deitar nos tinteiros da primeira carteira, onde estão sentados o Cirilo e o Joaquim, quando um gritou: «Olha o inspetor!» O Aniano teve tanto medo que entornou tinta em cima da carteira toda. Era uma partida, o inspetor não tinha chegado e a professora estava muito zangada. «Eu vi-o a si, Clotário», disse ela. «Foi você o autor desta brincadeira estúpida. Vá para o castigo!» O Clotário começou a chorar, disse que se fosse para o castigo ia dar nas vistas e o inspetor ia fazer-lhe montes de perguntas e ele não sabia nada e ia pôr-se a chorar e que não era uma partida, que tinha visto o inspetor passar no recreio com o diretor, e como era verdade a professora disse que estava bem, que por esta vez passava. O que era chato é que a primeira carteira estava toda cheia de tinta, a professora então disse que tínhamos de passar aquela carteira para a última fila, para onde não se visse. Metemos mãos à obra e foi um trabalho bem divertido, porque tínhamos de deslocar todas as carteiras e divertíamo-nos muito e o inspetor entrou com o diretor.



Não tivemos de nos levantar, porque estávamos todos de pé, e toda a gente estava com um ar muito espantado. «São os pequenos, são... são um bocado distraídos», disse o diretor. «Estou a ver», disse o inspetor, «sentem-se, meus meninos.» Sentámo-nos todos, e, como tínhamos virado a carteira para a mudar de lugar, o Cirilo e o Joaquim estavam de costas viradas para o quadro. O inspetor olhou para a professora e perguntou-lhe se aqueles dois alunos se sentavam sempre assim. A professora fez a cara que o Clotário costuma fazer quando o interrogam, mas não chorou. «Foi um pequeno incidente...», disse ela. O inspetor não estava com um ar lá muito contente, tinha as sobrancelhas grossas, muito perto dos olhos. «É necessário um pouco de autoridade», disse ele. «Vamos, meninos, ponham a carteira no seu lugar.» Levantámo-nos todos e o inspetor pôs-se a gritar: «Todos ao mesmo tempo não, só vocês os dois!» O Cirilo e o Joaquim viraram a carteira e sentaram-se. O inspetor fez um sorriso e apoiou as mãos na carteira. «Bem», disse ele, «o que é que estavam a fazer antes de eu ter chegado?» «Estávamos a mudar a carteira de lugar», respondeu o Cirilo. «Não falemos mais dessa carteira!», gritou o inspetor, que estava com um ar nervoso. «E para começar, porque é que estavam a mudar essa carteira de lugar?» «Por causa da tinta», disse o Joaquim. «Da tinta?», perguntou o inspetor, e olhou para as mãos, que estavam completamente azuis. O inspetor deu um grande suspiro e limpou os dedos com um lenço.

Nós reparámos que nem o inspetor, nem a professora nem o diretor estavam com cara para brincadeiras. Decidimos portarmo-nos espantosamente bem.

«Estou a ver que tem alguns problemas com a disciplina», disse o inspetor à professora, «tem de usar um pouco de psicologia elementar», e depois virou-se para nós com um grande sorriso e afastou as sobrancelhas dos olhos. «Meus meninos, eu quero ser vosso amigo. Não devem ter medo de mim, sei que gostam de se divertir, e eu também gosto muito de rir. Aliás, ouçam, conhecem a anedota dos dois surdos? Um surdo diz ao outro: vais à pesca? e o outro diz: não, vou à pesca. Então o primeiro diz: ah sim, pensava que ias à pesca.» Foi pena que a professora nos tivesse proibido de rir sem licença, porque custou-nos muito aguentar. Vou contar a anedota esta noite ao meu pai, vai achar graça, tenho a certeza de que não conhece esta. O inspetor, que não precisava da licença de ninguém, riu-se muito, mas como viu que ninguém dizia nada na aula, voltou a pôr as sobrancelhas no lugar, tossiu e disse: «Bem, chega de riso, ao trabalho.» «Estávamos a estudar as fábulas», disse a professora, «*A Raposa e o Corvo*.» «Muito bem, muito bem», disse o inspetor, «então, continuem.» A professora fingiu procurar ao acaso na aula, e depois apontou com o dedo para o Aniano: «Aniano, recite-nos a fábula.» Mas o inspetor levantou a mão. «Dá-me licença?», disse ele à professora, e depois apontou para o Clotário. «O menino, lá ao fundo, recite-me esta fábula.» O Clotário abriu a boca e começou a chorar. «Mas o que é que aconteceu?», perguntou o inspetor. A professora disse que tinha de se desculpar o Clotário, que era muito tímido, então foi o Rufus a ser interrogado. O Rufus é um compincha, e o pai é polícia. O Rufus disse que não sabia a fábula de cor mas que sabia mais ou menos do que se tratava e começou a explicar que era a história de um corvo que tinha no bico um *roquefort*. «Um *roquefort*?», perguntou o inspetor, que estava cada vez mais espantado. «Claro que não», disse o Alceste, «era um *camembert*.» «Nada disso», disse o Rufus, «se fosse um *camembert* o corvo não o poderia ter no bico, pois escorre e não cheira bem!» «Não cheira bem, mas é muito bom para comer», respondeu o Alceste. «E além de que isso não quer dizer nada, o sabonete cheira bem mas não presta para comer, já experimentei uma vez.» «Ora!», disse o Rufus, «tu és parvo e vou dizer ao meu pai para passar montes de multas ao teu pai!» E andaram à pancada.



Toda a gente se tinha levantado e gritava, exceto o Clotário, que continuava a chorar lá no seu canto, e o Aniano, que tinha ido ao quadro e que recitava *A Raposa e o Corvo*. A professora, o inspetor e o diretor gritavam «Chega!» Divertimo-nos todos muito.

Quando aquilo acabou e toda a gente se sentou, o inspetor tirou o lenço e limpou a cara, que ficou cheia de tinta, e é pena não nos podermos rir, porque vamos ter de nos aguentar até ao intervalo e não vai ser fácil.

O inspetor aproximou-se da professora e apertou-lhe a mão. «Tem todo o meu apreço, minha senhora. Nunca, como hoje, me tinha dado conta de até que ponto a nossa profissão é um sacerdócio. Continue! Coragem! Parabéns!» E foi-se embora, muito depressa, com o diretor.

Nós gostamos muito da nossa professora, mas ela foi bestialmente injusta. Foi graças a nós que a felicitaram, e pôs-nos a todos de castigo!







Rex

Ao sair da escola, segui um cãozinho. O cãozinho estava com ar de quem se tinha perdido, estava sozinho e isso fez-me muita pena. Pensei que o cãozinho ficaria contente por encontrar um amigo e tive dificuldade em o apanhar. Como o cãozinho não tinha ar de ter assim tanta vontade de vir comigo, devia estar desconfiado, ofereci-lhe metade do meu pãozinho com chocolate e o cãozinho comeu o pãozinho com chocolate e pôs-se a abanar o rabo de um lado para o outro e chamei-lhe *Rex*, como num filme policial que tinha visto na quinta-feira passada.

Depois do pãozinho, que o *Rex* comeu quase tão depressa como o teria feito o Alceste, um colega que passa a vida a comer, o *Rex* seguiu-me todo contente. Pensei que seria uma boa surpresa para o meu pai e para a minha mãe quando chegasse com o *Rex* a casa. E depois havia de ensinar o *Rex* a fazer habilidades, ele guardaria a casa e também me ajudaria a apanhar os bandidos, como no filme de quinta-feira passada.

Pois bem, tenho a certeza de que não vão acreditar em mim, quando cheguei a casa a minha mãe não ficou lá muito contente por ver o *Rex*, não ficou mesmo nada contente. Convém dizer que foi um bocado culpa do *Rex*. Entrámos na sala de estar e a minha mãe chegou, deu-me um beijo, perguntou-me se tudo tinha corrido bem na escola, se não tinha feito disparates, e depois viu o *Rex* e pôs-se a gritar: «Onde é que encontraste esse animal?» Eu lá comecei a explicar que era um pobre cãozinho perdido que me ajudaria a prender montes de bandidos, mas o *Rex*, em vez de ficar sossegado, saltou para uma poltrona e começou a morder na almofada. E era a poltrona onde o meu pai não tem licença para se sentar, exceto se houver convidados!



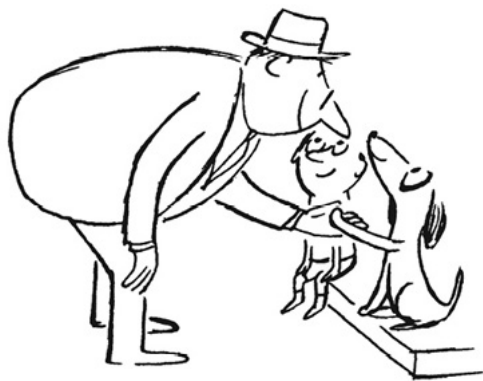
A minha mãe continuou a gritar, disse-me que me tinha proibido de trazer

animais para casa (é verdade, a minha mãe proibiu-me uma vez que trouxe um rato), que era perigoso, que o cão podia ter raiva, que nos ia morder a todos e que íamos ficar todos com raiva e que ia procurar uma vassoura para pôr este animal na rua e que me dava um minuto para tirar o cão de casa.

Foi difícil convencer o *Rex* a largar a almofada da poltrona, e mesmo assim ainda ficou com um bocado nos dentes, não compreendo como é que o *Rex* gosta daquilo. E depois saí para o jardim, com o *Rex* ao colo. Estava com muita vontade de chorar, então foi o que fiz. Não sei se o *Rex* também estava triste, estava demasiado entretido a cuspir os pedacinhos de lã da almofada.

O meu pai chegou e encontrou-nos aos dois, sentados diante da porta, eu a chorar, o *Rex* a cuspir. «Então», disse o meu pai, «o que é que se passa aqui?» Eu lá expliquei ao meu pai que a minha mãe não queria saber do *Rex* e que o *Rex* era meu amigo e que eu era o único amigo do *Rex* e que ele me ajudaria a apanhar montes de bandidos e faria habilidades que eu lhe havia de ensinar e que estava muito infeliz e voltei a pôr-me a chorar um bocado enquanto o *Rex* coçava uma orelha com a pata de trás, o que é bestialmente difícil de fazer, tentámos uma vez na escola e o único que conseguia era o Maixent, que tem as pernas muito compridas.

O meu pai fez-me uma festa na cabeça e depois disse-me que a minha mãe tinha razão, que era perigoso trazer cães para casa, que podem estar doentes e que se põem a morder e que depois, pumba! começa toda a gente a babar-se e a ficar com raiva e que, mais tarde aprenderei na escola, Pasteur inventou um medicamento, é um benfeitor da humanidade, e podemos curar-nos, mas dói muito. Respondi ao meu pai que o *Rex* não estava doente, que gostava muito de comer e que era espantosamente inteligente. Então o meu pai olhou para o *Rex* e coçou-lhe a cabeça, como me faz a mim, às vezes. «É verdade que este cãozinho está com ar de perfeita saúde», disse o meu pai, e o *Rex* pôs-se a lambe-lhe a mão. Isso agradou muito ao meu pai. «É muito simpático», disse o meu pai, e depois estendeu-lhe a outra mão e disse: «A pata, dá a patinha, vamos, a patinha, dá!», e o *Rex* deu-lhe a patinha e depois lambeu-lhe a mão e depois coçou a orelha, estava bestialmente atarefado, o *Rex*. O meu pai brincava e depois disse-me: «Está bem, espera por mim aqui, vou tentar resolver isto com a tua mãe», e entrou em casa. É porreiro o meu pai! Enquanto tratava disso com a minha mãe, eu diverti-me com o *Rex*, que se pôs a fazer-se engraçado e depois, como não tinha nada para lhe dar a comer, voltou a coçar a orelha, é extraordinário, o *Rex*!



Quando o meu pai saiu de casa, não estava com um ar lá muito satisfeito. Sentou-se ao meu lado, coçou a cabeça e disse-me que a minha mãe não queria o cão em casa, sobretudo depois da história da poltrona. Eu ia começar a chorar, mas tive uma ideia. «Se a mãe não quer o cão em casa», disse eu, «poderíamos guardá-lo no jardim.» O meu pai pensou um pouco e depois disse que era boa ideia, que no jardim o *Rex* não faria estragos e que íamos construir-lhe uma casota, imediatamente. Eu cá dei um beijo ao meu pai.

Fomos procurar tábuas à arrecadação e o meu pai trouxe as suas ferramentas. O *Rex* pôs-se a comer as begónias, mas é menos grave do que a poltrona da sala, porque temos mais begónias do que poltronas. O meu pai começou a escolher as tábuas. «Vais ver», disse-me ele, «vamos fazer-lhe uma casota formidável, um verdadeiro palácio.» E depois eu disse: «Vamos ensinar-lhe a fazer habilidades e ele vai guardar a casa!» «Sim», disse o meu pai, «vamos treiná-lo a expulsar os intrusos, o Blédurt por exemplo.» O senhor Blédurt é o nosso vizinho, o meu pai e ele gostam muito de se arreliares um ao outro. Divertíamo-nos muito, eu, o *Rex* e o meu pai! Isso foi um pouco estragado pelo grito que o meu pai deu por causa de uma martelada que deu no dedo e a minha mãe saiu de casa. «O que é que estão a fazer?», perguntou a minha mãe. Então eu lá lhe expliquei que tínhamos decidido, eu e o pai, ficar com o *Rex* no jardim, onde não havia poltronas, e que o pai lhe estava a fazer uma casota e que ia ensinar o *Rex* a morder ao senhor Blédurt, para o irritar. O meu pai estava calado, chupava o dedo e olhava para a minha mãe. A minha mãe não estava nada contente. Disse que não queria aquele animal em casa dela e vejam só o que esse animal fez às minhas begónias! O *Rex* levantou a cabeça e aproximou-se da minha mãe abanando a cauda e depois armou-se em bonito. A minha mãe olhou para ele e depois baixou-se e fez uma festa na cabeça do *Rex* e o *Rex* lambeu-lhe a mão e tocaram à porta do jardim.

O meu pai foi abrir e entrou um senhor. Olhou para o *Rex* e disse: «*Kiki!* Até que enfim que te encontro! Ando à tua procura por toda a parte!» «Mas afinal», perguntou o meu pai, «o que é que o senhor quer?» «O que é que eu quero?», disse o senhor. «Quero o meu cão! O *Kiki* fugiu enquanto o levei a dar um passeiozinho e disseram-me que tinham visto um miúdo trazê-lo para aqui.» «Não é o *Kiki*, é o

Rex», disse eu. «E vamos os dois apanhar bandidos como no filme da quinta-feira passada e vamos treiná-lo para pregar partidas ao senhor Blédurt!» Mas o *Rex* estava com um ar todo satisfeito e saltou para os braços do senhor. «Quem é que me prova que este cão é seu», perguntou o meu pai, «é um cão perdido!» «E a coleira», respondeu o senhor, «não viu a coleira? Tem lá o meu nome! Júlio José Encharcado, com a minha morada, estou mesmo com vontade de apresentar queixa! Vem, meu pobre *Kiki*, ora esta!», e o senhor foi-se embora com o *Rex*.



Ficámos muito espantados, e depois a minha mãe pôs-se a chorar, o meu pai consolou a minha mãe e prometeu-lhe que eu havia de voltar a trazer outro cão, um destes dias.





Djodjo

Chegou um novo à aula. À tarde, a professora chegou com um rapazinho que tinha os cabelos completamente vermelhos, sardas e os olhos azuis como o berlinde que perdi ontem no recreio, mas o Maixent fez batota. «Meus meninos», disse a professora, «apresento-vos um novo colega. É estrangeiro e os pais puseram-no nesta escola para aprender a falar francês. Conto convosco para me ajudarem e para serem simpáticos com ele.» E depois a professora virou-se para o novo e disse-lhe: «Diz o teu nome aos teus colegas.» O novo não percebeu o que a professora lhe pedia, sorriu e nós vimos que ele tinha uma montanha de dentes incríveis. «Grande felizardo», disse o Alceste, um amigo meu que é gordo e passa a vida a comer, «com uns dentes assim, deve morder uns belos bocados!» Como o novo não dizia nada, a professora disse-nos que ele se chamava Jorge MacIntosh. «Yes», disse o novo, «Djorge.» «Desculpe, professora», perguntou o Maixent, «ele chama-se Jorge ou Djorge?» A professora explicou-nos que ele se chamava Jorge, mas que na sua língua aquilo se pronunciava Djorge. «Está bem», disse o Maixent, «vamos chamar-lhe Jojo.» «Não», disse o Joaquim, «temos de pronunciar Djodjo.» «Cala-te, Djoaquim», disse o Maixent, e a professora pôs os dois de castigo.

A professora mandou sentar o Djodjo ao lado do Aniano. O Aniano estava com ar de desconfiar do novo; como é o melhor aluno da aula e o menino-bonito da professora, tem sempre medo dos novos, que podem vir a ser os melhores e os meninos-bonitos. Connosco, o Aniano sabe que pode estar descansado.

O Djodjo sentou-se, sempre a fazer o seu sorriso cheio de dentes. «É pena que ninguém fale a língua dele», disse a professora. «Cá eu tenho alguns rudimentos de inglês», disse o Aniano, que, diga-se a verdade, fala bem. Mas depois de o Aniano ter sacado dos seus rudimentos para falar com o Djodjo, o Djodjo olhou para ele e depois pôs-se a rir e bateu na testa com o dedo. O Aniano ficou muito ofendido, mas o Djodjo tinha razão. Depois viemos a saber que o Aniano lhe tinha contado coisas acerca do seu alfaiate que era rico e sobre o jardim do tio que era maior do que o chapéu da tia. O Aniano é louco!

A campainha do recreio tocou e saímos, todos exceto o Joaquim, o Maixent e o Clotário, que estão de castigo. O Clotário é o pior aluno da turma e não sabia a lição. Quando o Clotário é interrogado, nunca tem recreio.



No pátio, pusemo-nos todos à volta do Djodjo. Fizemos-lhe muitas perguntas, mas a única coisa que ele fazia era mostrar-nos montes de dentes. E depois pôs-se a falar, mas não percebemos nada, parecia «oinshuinshuin» e mais nada. «O que se passa», disse o Godofredo que vai muito ao cinema, «é que ele fala em versão original. Precisava de legendas.» «Eu talvez pudesse traduzir», disse o Aniano, que queria experimentar os seus rudimentos uma vez mais. «Ora», disse o Rufus, «tu és é parvo!» E o novo gostou dessa, apontou para o Aniano e disse: «Ah! Parvoparvoparvo!» Estava todo contente. Quanto ao Aniano, foi-se embora a chorar, o Aniano passa a vida a chorar. Nós começámos a achar que o Djodjo era muito giro, e eu dei-lhe um bocado do meu chocolate do recreio. «Que desporto é que se pratica no teu país?», perguntou o Eudes. Claro que o Djodjo não percebeu, continuava a dizer «parvoparvoparvo», mas o Godofredo respondeu: «Isso é que é uma pergunta, claro que jogam ténis!» «Seu grande palerma», gritou o Eudes, «não estou a falar contigo!» «Grande palerma! Parvoparvo!», gritou o novo, que estava com ar de se divertir muito connosco. Mas o Godofredo não gostou da maneira como o Eudes lhe respondeu. «Quem é que é palerma?», perguntou ele, e fez mal porque o Eudes é muito forte e gosta muito de dar murros nos narizes e o do Godofredo não escapou. Quando viu o murro, o Djodjo deixou de dizer «parvoparvo» e «grande palerma». Olhou para o Eudes e disse: «Boxe? muito bom!» E pôs os punhos à frente da cara e começou a dançar à roda do Eudes como os pugilistas na televisão em casa do Clotário, porque nós ainda não temos e eu bem gostava que o meu pai me comprasse uma. «O que é que lhe deu?», perguntou o Eudes. «Quer jogar boxe contigo, meu tolo!», respondeu o Godofredo, que esfregava o nariz. O Eudes disse «bem» e tentou boxear com o Djodjo. Mas o Djodjo desembaraçava-se muito melhor do que o Eudes. Dava-lhe uma série de golpes e o Eudes começava a zangar-se: «Se ele não deixa o nariz no lugar, como é que vocês querem que eu lute?», gritou ele e pumba! O Djodjo deu um murro no Eudes que o fez cair sentado. O Eudes não estava zangado. «Tu és forte!», disse ele, levantando-se. «Forte, parvo, grande palerma!», respondeu o novo, que aprende bestialmente depressa. O recreio terminou, e, como de costume, o Alceste queixou-se de que não lhe davam tempo para acabar os quatro pãezinhos cheios de manteiga que traz de casa.



Na aula, quando entrámos, a professora perguntou ao Djodjo se se tinha divertido; então o Aniano levantou-se e disse: «Minha Senhora, eles andam a ensinar-lhe palavrões!» «Não é verdade, grande mentiroso!», gritou o Clotário, que não tinha ido ao recreio. «Parvo, grande palerma, grande mentiroso», disse o Djodjo todo orgulhoso.

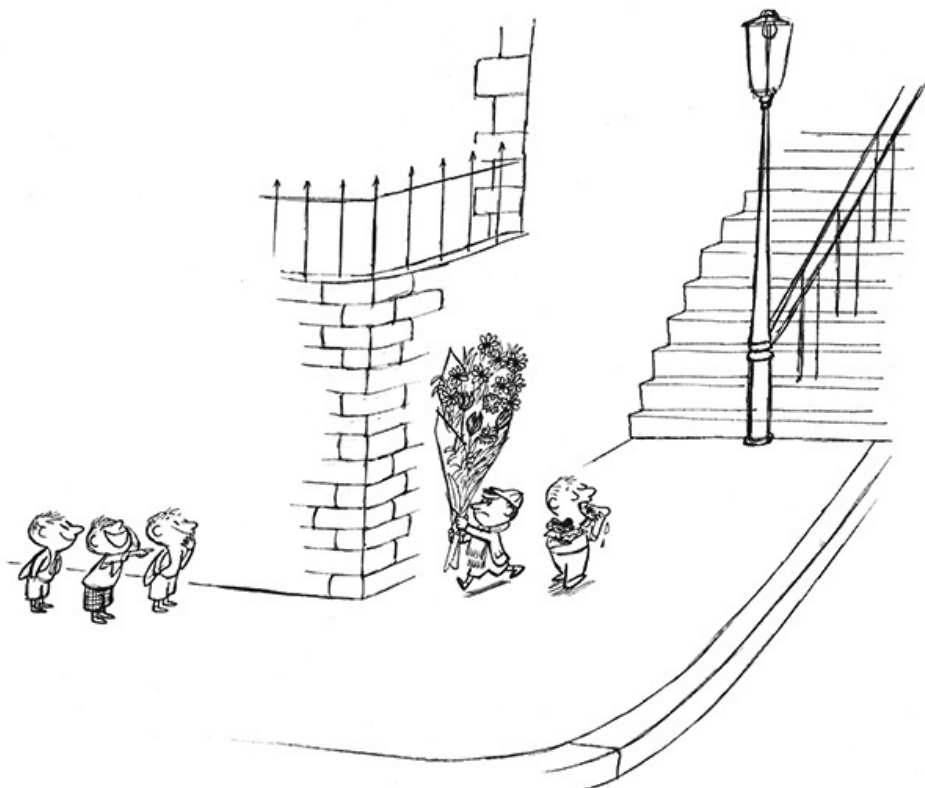
Cá nós não dizíamos nada, pois víamos que a professora não estava nada contente. «Vocês deviam ter vergonha», disse ela, «aproveitem-se de um colega que ignora a vossa língua! E no entanto eu tinha-lhes pedido para serem simpáticos, mas não se pode ter confiança em vocês! Portaram-se como uns selvagenzinhos, uns malcriados!» «Parvo, grande palerma, grande mentiroso, selvagem, malcriado», disse o Djodjo, que estava com um ar cada vez mais contente por aprender tantas coisas.

A professora olhou para ele com uns olhos abertos. «Mas... mas», disse ela, «Jorge, não se devem dizer coisas assim!» «Está a ver, minha senhora? O que é que eu lhe dizia?», disse o Aniano. «Se não queres ficar de castigo, Aniano», gritou a professora, «peço-te que guardes os teus comentários para ti!» O Aniano começou a chorar. «Grande queixinhas!», gritou alguém, mas a professora não soube quem era, senão eu teria sido castigado; então o Aniano atirou-se para o chão a gritar que ninguém gostava dele, que era horrível e ia morrer e a professora teve de sair com ele para lhe passar água na cara e acalmá-lo.

Quando a professora voltou, com o Aniano, estava com um ar cansado, mas felizmente a campainha de saída tocou. Antes de sair, a professora olhou para o novo e disse-lhe: «Pergunto-me o que é que os teus pais vão pensar.» «Grande queixinhas», respondeu o Djodjo dando-lhe a mão.

A professora não tinha razão para se preocupar, porque os pais do Djodjo devem ter pensado que ele já tinha aprendido todo o francês de que precisava.

A prova é que o Djodjo não voltou mais à escola.





O ramo giro

É o dia de anos da minha mãe e decidi comprar-lhe um presente como todos os anos, desde o ano passado, porque antes era demasiado pequeno.

Agarrei em todos os trocos que tinha no mealheiro e havia lá muitos, felizmente, pois, por acaso, a minha mãe tinha-me dado dinheiro ontem. Já sabia que presente havia de comprar para a mãe: flores para pôr na grande jarra azul da sala, um ramo fantástico, grande como tudo.

Na escola, estava bestialmente impaciente que a aula acabasse para poder ir comprar o meu presente. Para não perder os meus trocos, tinha a mão no bolso, durante todo o tempo, até para jogar futebol no recreio, mas, como não jogo a guarda-redes, isso não tinha importância. O guarda-redes era o Alceste, um amigo meu que é muito gordo e que gosta muito de comer. «O que é que tens para andares a correr só com uma mão?», perguntou-me ele. Quando lhe expliquei que era porque ia comprar flores para a minha mãe disse-me que se fosse ele, teria preferido qualquer coisa para comer, um bolo, rebuçados ou chouriço de sangue, mas, como o presente não era para ele, não prestei atenção e meti-lhe um golo. Ganhámos por 44 a 32.



Quando saímos da escola, o Alceste foi comigo até à florista enquanto comia a metade do pãozinho com chocolate que lhe tinha sobrado da aula de gramática. Entrámos na loja, pus todo o meu dinheiro em cima do balcão e disse à senhora que queria um ramo de flores muito grande para a minha mãe, mas que não queria begónias, porque há montes delas no nosso jardim e não vale a pena ir comprá-las noutra sítio. «Gostaríamos de algo bonito», disse o Alceste, que tinha ido enfiar o nariz nas flores que estavam na montra, para ver se aquilo cheirava bem. A senhora contou o dinheiro e disse-me que não poderia dar-me muitas, muitas flores. Como fiquei com um ar muito aborrecido, a senhora olhou para mim, pensou um pouco, disse-me que eu era um rapazinho muito gentil, deu-me pancadinhas na cabeça e

disse-me que já ia tratar disso. A senhora escolheu flores de um lado e do outro e depois pôs uma quantidade de verdura e isso, isso agradou ao Alceste, pois dizia que essas folhas eram parecidas com os legumes que se põem no cozido. O ramo era muito giro e muito grande; a senhora embrulhou-o em papel transparente que fazia barulho e disse-me para ter cuidado ao transportá-lo. Como já tinha o meu ramo e o Alceste já tinha acabado de cheirar as flores, disse obrigado e fomo-nos embora.

Eu estava muito contente com o meu ramo, quando encontrámos o Godofredo, o Clotário e o Rufus, três colegas da escola. «Olhem o Nicolau», disse o Godofredo, «olhem o seu ar de papalvo com as flores!» «Estás com sorte por eu estar com as flores», disse-lhe eu, «senão dava-te uma bofetada!» «Dá-me cá as tuas flores», disse-me o Alceste, «eu não me importo de as segurar enquanto tu das umas bofetadas no Godofredo.» Então dei o ramo ao Alceste e o Godofredo deu-me uma bofetada. Andámos à pancada e depois eu disse que se fazia tarde, então parámos. Mas ainda tive de ficar mais um bocado, porque o Clotário disse: «Olhem para o Alceste, agora é ele que está com ar de papalvo com as flores!» Então, o Alceste deu-lhe uma grande pancada na cabeça, com o ramo. «As minhas flores!», gritei eu. «Vocês vão partir as minhas flores!» Foi verdade, também! O Alceste dava montes de pancadas com o meu ramo e as flores voavam por todos os lados pois o papel tinha-se rasgado e o Clotário gritava: «Isso não faz doer, isso não faz doer!»





Quando o Alceste parou, o Clotário tinha a cabeça coberta pelas folhas verdes do ramo, e é verdade que aquilo era bestialmente parecido com um cozido. Cá eu comecei a apanhar as minhas flores e dizia-lhes, aos meus colegas, que eles eram maus. «É verdade», disse o Rufus, «não teve graça nenhuma o que fizeram às flores do Nicolau!» «Tu não foste para aqui chamado!», respondeu o Godofredo, e começaram à bofetada um ao outro. Quanto ao Alceste, foi-se embora, porque a cabeça do Clotário tinha-lhe feito fome e não queria chegar atrasado para o jantar.

Eu lá me fui embora com as minhas flores. Faltavam umas tantas, já não havia nem legumes nem papel, mas ainda era um belo ramo, e depois, mais adiante, encontrei o Eudes.

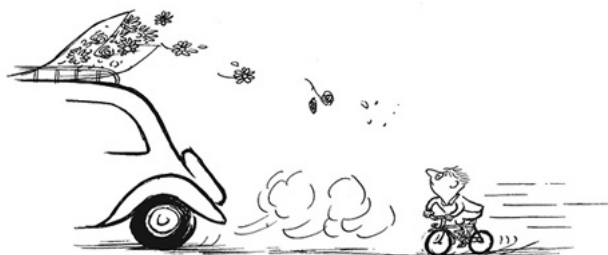
«Queres jogar ao berlinde?», perguntou-me o Eudes. «Não posso», respondi-lhe eu, «tenho de voltar para casa para dar estas flores à minha mãe.» Mas o Eudes disse-me que ainda era cedo e cá eu gosto muito de jogar ao berlinde, jogo muito bem, faço pontaria e trás! quase sempre ganho. Então arrumei as flores no passeio e comecei a jogar com o Eudes, e é giro jogar ao berlinde com o Eudes, porque ele perde muitas vezes. A chatice é que quando perde não fica contente e disse-me que eu fazia batota e eu disse-lhe que ele era um mentiroso, então ele empurrou-me e eu caí em cima do ramo e isso não fez bem nenhum às flores. «Hei de dizer à minha mãe o que tu fizeste às flores dela», disse eu ao Eudes, e o Eudes ficou muito chateado. Então ajudou-me a escolher as flores que estavam menos amachucadas. Cá eu gosto muito do Eudes, é um bom amigo.

Eu voltei a pôr-me ao caminho, o meu ramo já não era lá muito grande, mas as flores que me restavam, passavam; uma das flores estava um bocado esmagada, mas as outras duas estavam muito bem. E então vi chegar o Joaquim na sua bicicleta. O Joaquim é um colega da escola que tem uma bicicleta.

Então aí decidi mesmo não andar à pancada, porque se continuava a andar à bulha com todos os colegas que encontrava na rua, daqui a pouco já não teria flores para dar à minha mãe. E além disso, afinal de contas, os colegas não têm nada com isso, se eu quero oferecer flores à minha mãe estou no meu direito, e além disso eu penso que eles têm ciúmes, só isso, porque a minha mãe vai ficar muito contente e vai-me dar uma boa sobremesa e vai dizer que eu sou muito gentil, e depois porque

será que todos eles me arreliam?

«Olá, Nicolau!», disse-me o Joaquim. «O que é que tem o meu ramo?», gritei eu ao Joaquim. «Papalvo és tu!» O Joaquim parou a bicicleta, olhou para mim com os olhos muito abertos e perguntou-me: «Que ramo?» «Este!» respondi-lhe eu, e atirei-lhe as flores à cara. Penso que o Joaquim não estava à espera de apanhar com as flores na cara, de qualquer forma isso não lhe agradou mesmo nada. Atirou as flores para a rua e elas caíram no tejadilho de um automóvel que passava e foram-se embora com o automóvel. «As minhas flores!», gritei eu. «As flores da minha mãe!» «Não te preocupes», disse o Joaquim, agarro na bicicleta e apanho o automóvel!» É simpático o Joaquim, mas não pedala depressa, sobretudo a subir, e no entanto anda a treinar-se para a Volta a França que fará quando for grande. O Joaquim voltou dizendo-me que não tinha conseguido apanhar o automóvel, que ele se tinha afastado numa subida. Mas trazia-me uma flor que tinha caído do tejadilho do automóvel. Azar, era a que estava esmagada.



O Joaquim foi-se embora muito depressa, é a descer para ir para casa dele, e eu voltei para casa, com a minha flor toda murcha. Era como se tivesse uma grande bola na garganta. Como quando trago a caderneta da escola para casa com uns zeros lá dentro.

Abri a porta e disse à minha mãe: «Parabéns, mãezinha», e pus-me a chorar. A minha mãe olhou para a flor, estava com um ar um pouco espantado, e depois abraçou-me, beijou-me montes e montes de vezes, disse-me que nunca tinha recebido um ramo assim tão bonito e pôs a flor na grande jarra azul da sala.

Digam o que quiserem, mas a minha mãezinha é bestial!







As cadernetas

Esta tarde, na escola, não foi para brincadeiras, porque o diretor veio à aula distribuir as cadernetas. Não estava com um ar lá muito contente, o diretor, quando entrou com as nossas cadernetas debaixo do braço. «Estou no ensino há vários anos», disse o diretor, «e nunca vi uma turma tão distraída. As observações escritas nas cadernetas pela vossa professora são uma boa prova. Vou começar a distribuir as cadernetas.» E o Clotário começou a chorar. O Clotário é o pior aluno da turma e todos os meses, na sua caderneta, a professora escreve montes de coisas, e o pai e a mãe do Clotário não ficam contentes e deixam-no sem sobremesa e sem televisão. Eles estão de tal maneira habituados, contou-me o Clotário, que uma vez por mês, a mãe não faz sobremesa e o pai vai ver televisão a casa dos vizinhos.

Na minha caderneta estava escrito: «Aluno turbulento, muitas vezes distraído. Poderia fazer melhor.» O Eudes tinha: «Aluno distraído. Anda à bulha com os colegas. Poderia fazer melhor.» Para o Rufus era: «Teima em brincar na aula com um apito, muitas vezes confiscado. Poderia fazer melhor.» O único que não poderia fazer melhor era o Aniano. O Aniano é o melhor aluno da turma e o menino-bonito da professora. O diretor leu-nos a caderneta do Aniano: «Aluno aplicado, inteligente. Há de chegar longe.» O diretor disse-nos que devíamos seguir o exemplo do Aniano, que éramos uns malandrecos, que havíamos de acabar mal e que de certeza isso daria um grande desgosto aos nossos pais e às nossas mães, que deviam ter outros projetos para nós. E depois foi-se embora.



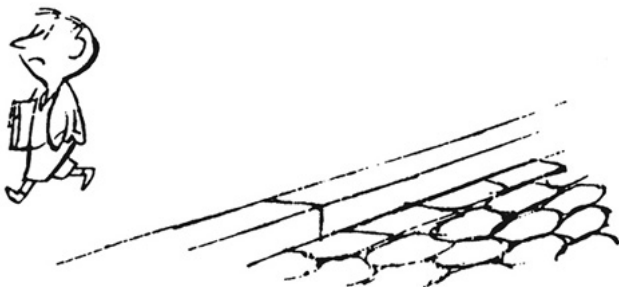
Cá nós ficámos muito chateados, porque as cadernetas, os nossos pais têm de as assinar e isso, o que nem sempre é lá muito divertido. Então, quando a campainha tocou para o fim da aula, em vez de correremos todos para a porta aos encontrões e empurrões e de atirmos com as pastas à cabeça uns dos outros, como fazemos de costume, saímos devagarinho, sem dizer nada. Até a professora estava com um ar triste. Nós, não ficámos zangados com a professora. É preciso dizer que este mês fizemos um bocado de palhaçadas e depois o Godofredo não tinha nada que ter entornado o tinteiro no chão em cima do Joaquim que estava

caído a fazer montes de caretas porque o Eudes lhe tinha dado um murro no nariz, quando tinha sido o Rufus quem tinha puxado os cabelos ao Eudes.

Na rua, não andávamos depressa, arrastávamos os pés. À frente da pastelaria esperámos pelo Alceste, que tinha entrado para comprar seis pãezinhos de chocolate que começou a comer imediatamente. «Tenho de fazer provisões», disse-nos o Alceste, «porque esta noite, para a sobremesa...», e depois soltou um grande suspiro, enquanto mastigava. É preciso dizer que na caderneta do Alceste estava: «Se este aluno pusesse tanta energia no trabalho como a alimentar-se, seria o melhor aluno da turma, pois poderia fazer melhor.»

Aquele que estava com um ar menos chateado era o Eudes. «Cá eu», disse ele, «não tenho medo. O meu pai não me diz nada, olho-o bem nos olhos e depois ele assina a caderneta e já está!» É sortudo, o Eudes. Quando chegámos à esquina, separámo-nos. O Clotário foi-se embora a chorar, o Alceste a comer e o Rufus a apitar baixinho.

E eu fiquei com o Eudes. «Se tens medo de voltar para casa, é fácil», disse-me o Eudes. «Vens comigo e dormes lá em casa.» É um compincha, o Eudes. Fomo-nos embora juntos e o Eudes ia-me explicando como é que olhava para o pai bem nos olhos. Mas quanto mais nos aproximávamos de casa do Eudes menos o Eudes falava. Quando chegámos diante da porta da casa, o Eudes já não dizia nada. Ficámos aí um instante e depois eu disse ao Eudes: «Então, entramos?» O Eudes coçou a cabeça e depois disse-me: «Espera aqui um bocadinho. Já te venho buscar.» E depois o Eudes entrou em casa. Tinha deixado a porta entreaberta, então ouvi uma estalada, uma voz grossa que dizia: «Já para a cama sem sobremesa, seu tratante!» e o Eudes que chorava. Acho que quanto aos olhos do pai, o Eudes não deve ter olhado bem.



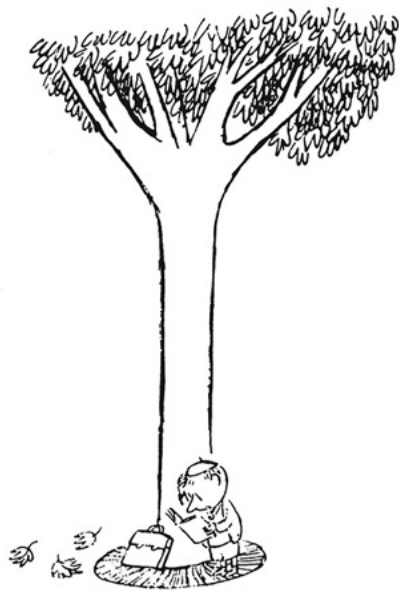
O que era chato é que agora tinha de voltar para minha casa. Comecei a andar

prestando atenção para não pôr os pés nas riscas do empedrado, era fácil porque não ia depressa. O meu pai, eu bem sabia o que me ia dizer. Dir-me-ia que ele era sempre o melhor aluno da turma e que o pai dele estava muito orgulhoso do meu pai e que trazia da escola montes de quadros de honra e de medalhas e que gostaria de mas mostrar, mas que as tinha perdido na mudança quando se tinha casado. E depois o meu pai dir-me-ia que eu nunca havia de chegar a sítio nenhum, que seria pobre e que as pessoas diriam é o Nicolau, aquele que tinha más notas na escola, e haviam de me apontar a dedo e que os faria rir. Depois o meu pai dir-me-ia que trabalhava que nem um mouro para me dar uma educação cuidada e para que eu estivesse preparado para a vida e que eu era um ingrato e que nem sequer sofria com o desgosto que dava aos meus pobres pais e que não terei sobremesa e que quanto a cinemas, havemos de ver a próxima caderneta.

Vai-me dizer tudo isto, o meu pai, como no mês passado e no mês antes, mas eu estou farto. Vou dizer-lhe que sou muito infeliz e já que é assim, pois bem, vou sair de a casa e partir para muito longe e hão de ter muitas saudades minhas e só hei de voltar daqui a montes de anos e terei muito dinheiro e o meu pai terá vergonha de me ter dito que não havia de chegar a sítio nenhum e as pessoas não terão a ousadia de me apontar a dedo para rirem e com o meu dinheiro hei de levar o meu pai e a minha mãe ao cinema e toda a gente há de dizer: «Olhem, é o Nicolau que tem montes de dinheiro e o cinema é ele quem o paga ao pai e à mãe, apesar de eles não terem sido simpáticos com ele», e ao cinema também hei de levar a professora e o diretor da escola, e dei comigo diante de minha casa.

A pensar em tudo isto e a contar para comigo umas histórias giras, tinha-me esquecido da caderneta e tinha andado muito depressa. Fiquei com uma grande bola na garganta e pensei que talvez fosse melhor ir-me embora imediatamente e só voltar daqui a montes de anos, mas começava a fazer-se noite e a minha mãe não gosta que eu esteja fora quando é tarde. Então entrei.

Na sala, o meu pai a falar com a minha mãe. Ele tinha montes de papéis em cima da mesa diante dele e não estava com um ar lá muito contente. «É incrível», dizia o meu pai, «pelo que se gasta nesta casa, pensar-se-ia que sou multimilionário! Olha-me para estas faturas! Esta fatura do talho! A da mercearia! Oh claro, o dinheiro sou eu que tenho de o ir buscar!» A minha mãe também não estava contente e dizia ao meu pai que ele não fazia a mínima ideia do custo da vida e que um dia tinha de ir fazer as compras com ela e que ela havia de voltar para casa da mãe e que não se devia discutir isso diante da criança. Eu então dei a caderneta ao meu pai. O meu pai abriu a caderneta, assinou e entregou-me dizendo: «A criança não tem nada a ver com isto. Tudo o que eu pretendo é que me expliquem porque é que a perna de carneiro custa este preço!» «Vai lá para cima para o teu quarto brincar, Nicolau», disse-me a minha mãe. «Isso, isso», disse o meu pai.



Subi para o meu quarto, deitei-me em cima da cama e comecei a chorar.

É bem verdade, se o meu pai e a minha mãe gostassem de mim preocupar-se-iam um pouco comigo!







Luisinha

Eu não fiquei contente quando a minha mãe me disse que uma das suas amigas viria tomar chá com a sua filha pequena. Cá eu não gosto das raparigas. São estúpidas, não sabem brincar senão às bonecas e às vendedoras e passam a vida a chorar. Claro, eu também choro às vezes, mas é por coisas graves, como aquela vez em que a jarra da sala se partiu e o meu pai me ralhou e não era justo porque não tinha feito de propósito e além disso aquela jarra era feia e eu bem sei que o meu pai não gosta que eu jogue à bola em casa, mas lá fora estava a chover.

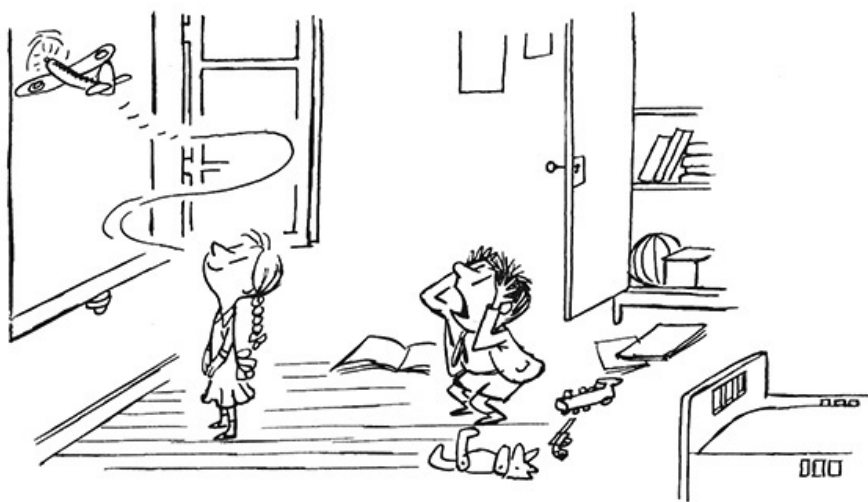
«Vais ser simpático com a Luisinha», disse-me a minha mãe, «é uma menina encantadora e quero que lhe mostres que és bem educado.»

Quando a minha mãe quer mostrar que eu sou bem-educado, veste-me com o fato azul e a camisa branca e fico com ar de palhaço. Cá eu disse à minha mãe que preferia ir com os meus amigos ao cinema ver um filme de *cow-boys*, mas a minha mãe fez-me uns olhos como quando não está para brincadeiras.



«E peço-te que não sejas bruto com essa menina, senão terás de te haver comigo», disse a minha mãe, «entendido?» Às quatro horas, a amiga da minha mãe chegou com a filha pequena. A amiga da minha mãe deu-me um beijo, disse-me, como toda a gente, que eu era um belo rapaz, disse-me também: «Esta é a Luisinha.» Eu e a Luisinha, olhámos um para o outro. Ela tinha cabelos amarelos, com tranças, olhos azuis, um nariz e um vestido vermelhos. Tocámos com os dedos um no outro, muito depressa. A minha mãe serviu o chá, e isso estava muito bem, porque, quando há gente para o chá, há bolos de chocolate e podemos servir-nos duas vezes. Durante o lanche, a Luisinha e eu não dissemos nada. Comemos e não olhámos um para o outro. Quando acabámos, a minha mãe disse: «Agora meninos, vão brincar. Nicolau, leva a Luisinha para o teu quarto e mostra-lhe os teus lindos brinquedos.» A minha mãe disse isto com um grande sorriso, mas ao mesmo tempo fez-me uns olhos, aqueles com os quais mais vale não brincar. Eu e a Luisinha fomos para o meu quarto, e aí eu não sabia o que dizer-lhe. Foi a Luisinha que disse, ela disse: «Tens ar de macaco.» Aquilo não me agradou, então respondi-lhe: «E tu, tu não passas de uma rapariga!», e ela deu-me uma bofetada. Eu bem tinha vontade de começar a chorar, mas contive-me, porque a minha mãe queria que eu

fosse bem-educado; então, puxei uma das tranças da Luisinha, e ela deu-me um pontapé no tornozelo. Aí tive mesmo de fazer «ai, ai» porque aquilo doía. Ia dar-lhe uma bofetada quando a Luisinha mudou de conversa; ela disse-me: «Então, esses brinquedos, mostras-mos ou não?» Ia dizer-lhe que eram brinquedos de rapaz, quando ela viu o meu urso de pelúcia, aquele a que eu tinha rapado metade com a máquina do meu pai. Só rapei metade porque a máquina do meu pai não aguentou. «Brincas às bonecas?», perguntou-me a Luisinha, e depois pôs-se a rir. Ia puxar-lhe uma trança e a Luisinha levantava a mão para me dar com ela na cara, quando a porta se abriu e as nossas duas mãos entraram. «Então, meninos», disse a minha mãe, «estão a divertir-se?» «Oh! sim, minha senhora!», disse a Luisinha com os olhos muito abertos e depois fez mexer as pálpebras muito depressa e a minha mãe deu-lhe um beijo dizendo: «Adorável, ela é adorável! É mesmo querida!», e a Luisinha continuava a dar às pálpebras. «Mostra os teus lindos livros de imagens à Luisinha», disse-me a minha mãe, e a outra mãe disse que nós éramos dois queridos e foram-se embora.

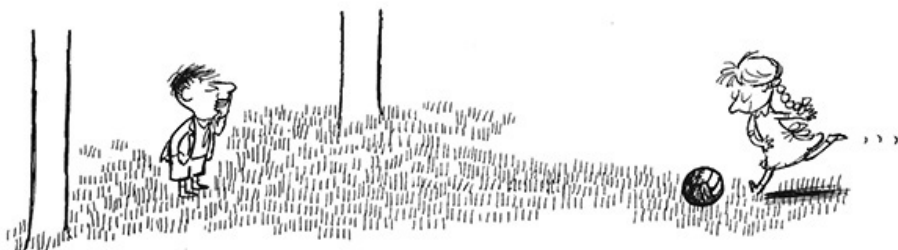


Eu tirei os meus livros do armário e dei-os à Luisinha, mas ela não olhou para eles e deitou-os para o chão, até aquele que tem montes de índios e que é fantástico. «Não me interessam os teus livros», disse-me ela, a Luisinha, «não tens nada de mais divertido?», e depois olhou para dentro do armário e viu o meu avião, aquele giro, o que tem um elástico, que é vermelho e que voa. «Deixa isso», disse eu, «isso não é para meninas, é o meu avião!», e tentei tirar-lho, mas a Luisinha afastou-se. «Eu sou a convidada», disse ela, «tenho o direito de brincar com os teus brinquedos, e se não estás de acordo vou chamar a minha mãe e vamos ver quem é que tem razão!» Cá eu já não sabia o que havia de fazer, não queria que ela partisse o meu avião, mas não me apetecia que ela chamasse a mãe, porque ainda ia haver histórias. Enquanto eu estava assim, a pensar, a Luisinha fez girar a hélice para esticar o elástico e a seguir largou o avião. Largou-o pela janela do meu quarto, que estava aberta, e o avião foi-se embora. «Olha o que fizeste», gritei eu. «O meu

avião perdeu-se!», e comecei a chorar. «Não se perdeu nada o teu avião, burro», disse-me a Luisinha, «olha, caiu no jardim, só temos de o ir lá buscar.»

Descemos para a sala e perguntei à minha mãe se podíamos sair para brincar no jardim e a minha mãe disse que estava demasiado frio, mas a Luisinha fez o truque das pálpebras e disse que queria ver as lindas flores. Então a minha mãe disse que ela era uma querida adorável e disse para nos agasalharmos bem para sairmos. Tenho de aprender isso das pálpebras, tem ar de funcionar bestialmente bem, esse truque!

No jardim, apanhei o avião, que não tinha nada, felizmente, e a Luisinha disse-me: «O que é que vamos fazer?» «Cá eu não sei», disse-lhe eu, «querias ver as flores, vê-as, há montes delas, além.» Mas a Luisinha disse-me que se estava nas tintas para as minhas flores e que eram asquerosas. Eu bem tinha vontade de lhe dar um murro no nariz, à Luisinha, mas não me atrevi, porque a janela da sala dá para o jardim, e na sala estavam as mães. «Não tenho brinquedos aqui», disse eu, «exceto a bola de futebol, na garagem.» A Luisinha disse-me que isso era uma boa ideia. Fomos procurar a bola e eu estava muito chateado, tinha medo que os meus amigos me vissem a jogar com uma rapariga. «Tu pões-te entre as árvores», disse-me a Luisinha, «e tentas parar a bola.» Nessa altura a Luisinha fez-me rir, e depois tomou balanço e, bum! um chuto fantástico! Não consegui parar a bola, que partiu o vidro da janela da garagem.



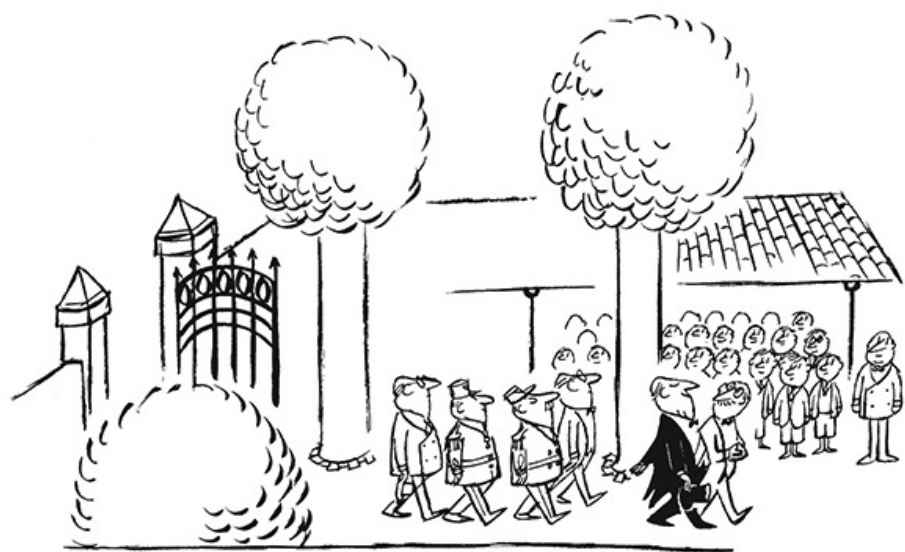


As mães saíram de casa a correr. A minha mãe viu a janela da garagem e compreendeu tudo imediatamente. «Nicolau!», disse-me ela, «em vez de brincarem a jogos brutos, melhor seria que te ocupasses dos teus convidados, sobretudo quando são tão simpáticos como a Luisinha!» Cá eu olhei para a Luisinha, ela estava mais longe, no jardim, a cheirar as begónias.

Ao jantar não me deram sobremesa, mas não tem importância, a Luisinha é gira, e quando formos grandes havemos de nos casar.

Ela tem um chuto fantástico!







Andámos a ensaiar para o ministro

Mandaram-nos descer a todos para o recreio e o diretor veio falar connosco. «Meus queridos meninos», disse ele, «tenho o grande prazer de vos anunciar que, por ocasião da sua passagem pela nossa cidade, o Sr. Ministro vai dar-nos a honra de vir visitar a escola. Talvez não ignorem que o Sr. Ministro é um antigo aluno desta escola. Ele é para vocês um exemplo que prova que, trabalhando muito, é possível aspirar aos mais altos destinos. Pretendo que o Sr. Ministro receba aqui um acolhimento inesquecível e conto convosco para me ajudarem nesse sentido.» E o diretor mandou o Clotário e o Joaquim para o castigo porque andavam à bulha.

Depois o diretor reuniu à sua volta todos os professores e vigilantes e disse que tinha ideias incríveis para receber o ministro. Para começar, íamos cantar todos o hino nacional e depois três dos pequenos avançariam com flores e dariam as flores ao ministro. É certo que o diretor tem ideias giras e receber flores será uma boa surpresa para o ministro; de certeza que não está à espera. A nossa professora ficou com um ar preocupado, não percebo porquê. Acho a professora nervosa nestes últimos tempos.



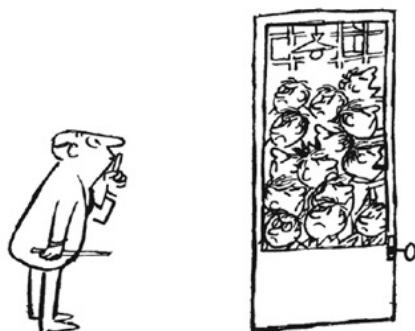
O diretor disse que se ia começar o ensaio imediatamente e aí ficámos bestialmente contentes, porque não íamos para a aula. A menina Vanderblergue, que é professora de canto, mandou-nos cantar o hino. Parece que não foi lá muito bem, no entanto fazia-se um barulho bem giro. É verdade que estávamos um bocado adiantados relativamente aos grandes. Eles ainda estavam no dia de glória que chegou e nós já estávamos no segundo estandarte ensanguentado que se

levantou, exceto o Rufus, que não conhece a letra e que fazia «lálálá», e o Alceste, que não cantava porque estava a comer um *croissant*. A menina Vanderblergue fez grandes gestos com os braços para nos mandar calar, mas em vez de ralar com os grandes que estavam atrasados, ralhou-nos a nós que tínhamos ganho, e isso não é justo. Talvez o que enfureceu a menina Vanderblergue tenha sido o Rufus, que, como canta de olhos fechados, não tinha visto que era preciso parar e tinha continuado a fazer «lálálá». A nossa professora falou com o diretor e depois com a menina Vanderblergue e depois o diretor disse-nos que só os grandes cantariam, os pequenos iam fingir. Experimentámos e correu muito bem, mas havia menos barulho e o diretor disse ao Alceste que não valia a pena fazer aquelas caretas para fingir que cantava e o Alceste respondeu-lhe que não estava a fingir que cantava, que estava a mastigar e o diretor deu um grande suspiro.

«Bem», disse o diretor, «depois do hino vamos mandar avançar três pequenos.» O diretor olhou para nós e depois escolheu o Eudes, o Aniano, que é o melhor aluno da aula e o menino-bonito da professora, e a mim. «É pena que não sejam meninas», disse o diretor, «podíamos vesti-las de azul, branco e vermelho, ou então, o que se faz às vezes, põe-se-lhes um laço de cor nos cabelos, dá um excelente efeito.» «Se me puserem um laço nos cabelos, vai dar estrilho», disse o Eudes. O diretor voltou a cabeça muito depressa e olhou para o Eudes com um olho muito aberto e o outro quase fechado, por causa do sobrolho que tinha levantado. «O que é que tu disseste?», perguntou o diretor; então a nossa professora disse muito depressa: «Nada, senhor diretor, tossiu.» «Não foi nada disso, minha senhora», disse o Aniano, «eu ouvi-o, ele disse...» Mas a professora não o deixou acabar, disse-lhe que não lhe tinha perguntado nada. «Isso mesmo, grande queixinhas», disse o Eudes, «ninguém te perguntou nada.» O Aniano pôs-se a chorar e a dizer que ninguém gostava dele e que era muito infeliz e que se sentia mal e que ia falar disso ao pai e que havíamos de ver o que havíamos de ver e a professora disse ao Eudes para não falar sem autorização e o diretor passou a mão pela cara como se a limpasse e perguntou à professora se essa pequena conversa tinha terminado e se ele podia continuar, a professora ficou toda vermelha e ficava-lhe muito bem, ela é quase tão bonita como a minha mãe, mas em nossa casa é mais o meu pai que fica vermelho.

«Bem», disse o diretor, «estas três crianças vão avançar para o Sr. Ministro e vão oferecer-lhe flores. Preciso de qualquer coisa que se pareça com ramos de flores para o ensaio.» O Caldo, que é o vigilante, disse: «Tenho uma ideia, senhor diretor, volto já», e foi-se embora a correr e voltou com três espanadores. O diretor ficou com um ar um bocado surpreendido e depois disse que sim, que afinal de contas, para o ensaio, servia muito bem. O Caldo deu-nos um espanador a cada um, a mim, ao Aniano e ao Eudes. «Bem», disse o diretor, «agora, meninos, vamos supor que eu sou o Sr. Ministro, então vocês avançam e dão-me os espanadores.» Cá nós fizemos como ele tinha dito, e demos-lhe os espanadores. O diretor tinha os espanadores nos braços, quando de repente se zangou. Olhou para o Godofredo e disse-lhe: «Você, lá ao fundo! Vi-o a rir. Gostaria que me dissesse o que é que tem

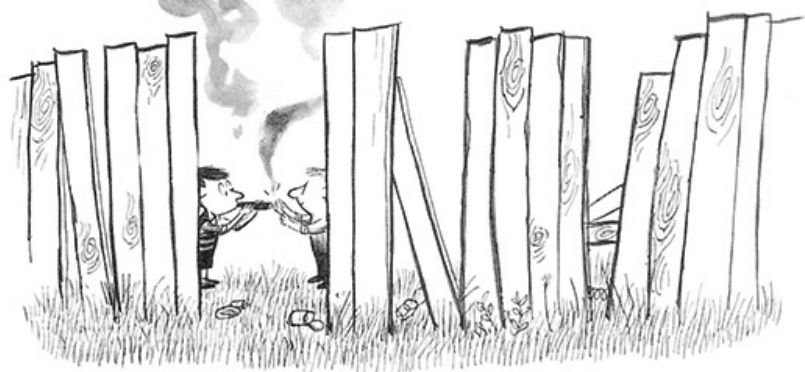
tanta graça, para que todos possam aproveitar.» «Foi o que o sô disse», respondeu o Godofredo, «só de pensar nos laços nos cabelos do Nicolau, do Eudes e desse parvo menino-bonito Aniano, deu-me vontade de rir!» «Queres um murro no nariz?», perguntou o Eudes. «Sim», disse eu, e o Godofredo deu-me uma bofetada. Começámos à bulha e os outros colegas também se meteram, exceto o Aniano, que se rebolava pelo chão a gritar que não era um grande queixinhas e que ninguém gostava dele e que o pai ia fazer queixa ao ministro. O diretor agitava os espanadores e gritava: «Parem! Parem!» Toda a gente corria por todo o lado, a menina Vanderblergue sentiu-se mal, foi incrível.



No dia seguinte, quando o ministro chegou, aquilo correu bem, mas nós não o vimos, porque nos tinham metido na lavandaria e mesmo que o ministro tivesse querido ver-nos não teria conseguido porque a porta estava fechada à chave.

Tem umas ideias muito esquisitas, este diretor!







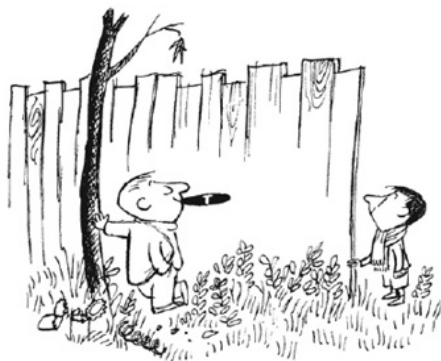
Eu fumo

Estava no jardim e não estava a fazer nada, quando chegou o Alceste e me perguntou o que é que eu estava a fazer e eu respondi-lhe: «Nada.»

Então o Alceste disse-me: «Vem comigo, tenho uma coisa para te mostrar, vamo-nos rir.» Eu segui imediatamente o Alceste, divertimo-nos muito os dois. O Alceste, não sei se vos disse, é um colega que é muito gordo e que passa a vida a comer. Mas agora não estava a comer, tinha a mão no bolso e, enquanto andávamos pela rua, olhava para trás para ver se nos seguiam. «O que é que tu me queres mostrar, Alceste?», perguntei eu. «Ainda não», disse-me ele.

Por fim, quando virámos a esquina, o Alceste tirou do bolso um grande charuto. «Olha», disse-me ele, «é de verdade, não é de chocolate!» Claro que não era de chocolate, nem precisava de mo dizer, se o charuto fosse de chocolate o Alceste não mo teria mostrado, tê-lo-ia comido.

Eu estava um bocado dececionado, o Alceste tinha-me dito que nos íamos rir. «E o que é que vamos fazer com esse charuto?», perguntei eu. «Que pergunta!», respondeu-me o Alceste, «vamos fumá-lo, pois claro!» Eu não tinha assim tanta certeza de que fosse boa ideia fumar o charuto, e além disso parecia-me que isso não ia agradar à minha mãe e ao meu pai, mas o Alceste perguntou-me se o meu pai ou a minha mãe me tinham proibido de fumar charutos. Pensei bem, e quanto a isso tenho de dizer que o meu pai e a minha mãe me proibiram de fazer desenhos nas paredes do quarto, de falar à mesa quando há convidados e sem me terem perguntado nada, de encher a banheira para brincar com o meu barquinho, de comer bolos antes do jantar, de bater com as portas, de meter os dedos no nariz e de dizer palavrões, mas de fumar charutos, isso o meu pai e a minha mãe nunca me proibiram.





«Estás a ver», disse-me o Alceste. «De qualquer forma, para que não haja histórias, vamo-nos esconder num sítio onde possamos fumar descansados.» Eu propus que fôssemos para o terreno descampado que não fica longe de minha casa. O meu pai nunca lá vai. O Alceste disse que era boa ideia, e já estávamos a passar o tapume para entrar nesse terreno quando o Alceste bateu com a mão na testa. «Tens lume?», perguntou-me ele, e respondi-lhe que não. «Bem então», disse o Alceste, «como é que vamos fazer para fumar este charuto?» Propus-lhe que se pedisse lume a um senhor na rua, já vi fazer isso ao meu pai e é muito divertido, porque o outro senhor tenta sempre acender o isqueiro e com o vento não consegue, então dá o cigarro ao meu pai e o meu pai junta o cigarro ao do senhor e o cigarro do senhor fica todo amachucado e o senhor não fica lá muito satisfeito. Mas o Alceste disse-me que eu não estava lá muito bom da cabeça e que um senhor nunca nos havia de querer dar lume porque éramos muito pequenos. É pena, ter-me-ia divertido amachucar o cigarro de um senhor com o nosso grande charuto. «E se fôssemos comprar fósforos a uma tabacaria?», disse eu. «Tens dinheiro?», perguntou-me o Alceste. Cá eu disse que podíamos quotizar-nos como no fim do ano, na escola, para comprar um presente à professora. O Alceste zangou-se, disse que ele punha o charuto, que era justo que eu pagasse os fósforos. «Tu pagaste o charuto?», perguntei eu. «Não», disse-me o Alceste, «encontrei-o na gaveta da secretária do meu pai, e, como o meu pai não fuma charutos, isto não lhe vai fazer falta e nunca verá que o charuto já lá não está.» «Se não pagaste o charuto, não há motivo para que eu te pague os fósforos», disse eu. Por fim, aceitei comprar os fósforos, na condição de o Alceste vir comigo à tabacaria, tinha um bocado de medo de lá ir sozinho.



Entrámos na tabacaria e a senhora perguntou-nos: «O que é que vocês querem, meus queridos?» «Fósforos», disse eu. «São para os nossos pais», disse o Alceste, mas isso não foi lá muito esperto, porque a senhora desconfiou e disse que não devíamos brincar com fósforos, que ela não nos queria vender isso e que éramos uns grandes malandrecos. Cá eu preferia como antes, quando eu e o Alceste éramos uns queridos.

Saímos da tabacaria e estávamos muito aborrecidos. É difícil fumar charutos quando se é pequeno! «Eu tenho um primo que é escuteiro», disse-me o Alceste. «Parece que lhe ensinaram a fazer lume esfregando dois pedaços de madeira. Se fôssemos escuteiros, havíamos de saber o que fazer para fumar o charuto.» Eu não sabia que se aprendiam essas coisas nos escuteiros, mas não se pode acreditar em tudo o que o Alceste diz. Eu cá nunca vi um escuteiro a fumar charuto.

«Já estou farto do teu charuto», disse eu ao Alceste, «vou voltar para casa.» «Está bem», disse o Alceste, «aliás começo a estar com fome e não quero chegar atrasado para o lanche, hoje temos babá.» E, de repente, vimos no chão, no passeio, uma caixa de fósforos! Rápido, apanhámo-la e vimos que restava um fósforo. O Alceste estava de tal maneira nervoso que se esqueceu do babá. E para que o Alceste se esqueça de um babá é preciso que esteja bestialmente nervoso! «Vamos depressa para o descampado!», gritou o Alceste.

Corremos e passámos o tapume mesmo no sítio em que falta uma tábuia. Este terreno é giro, vamos lá muitas vezes, para brincar. Há lá de tudo: erva, lama, pedras da calçada, caixas velhas, latas de conserva, gatos e sobretudo, sobretudo um automóvel! É um velho automóvel, claro, já não tem rodas, nem motor, nem portas, mas nós divertimo-nos muito lá dentro, fazemos brum, brum, e também brincamos aos autocarros, tlim, tlim, fim da linha, completo. É incrível!

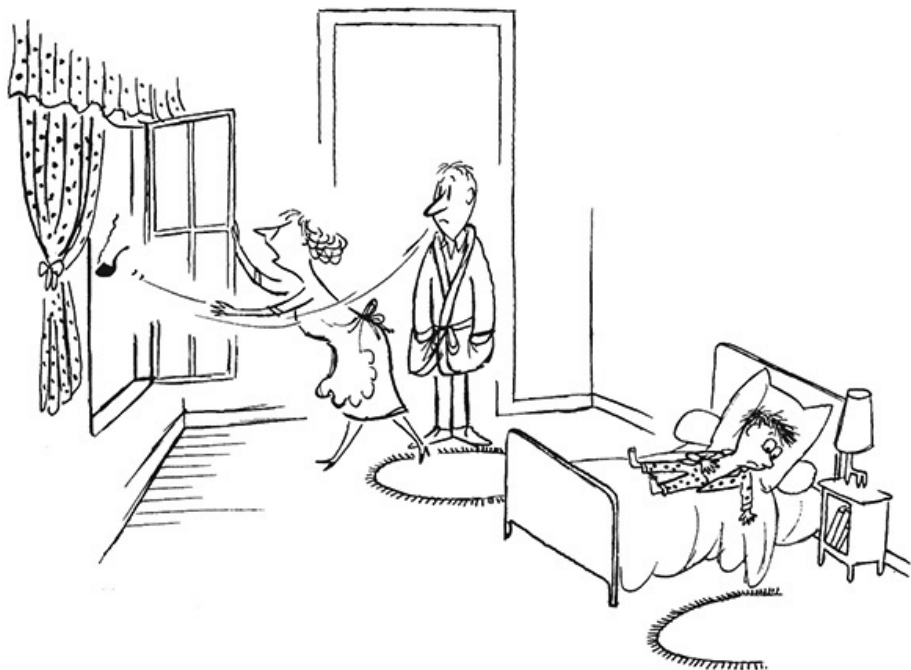
«Vamos fumar para o automóvel», disse o Alceste. Entrámos lá para dentro, e quando nos sentámos as molas dos assentos fizeram um barulho muito giro, como a poltrona do avô, em casa da vóvó, que a vóvó não quer mandar arranjar porque lhe faz lembrar o vovô.

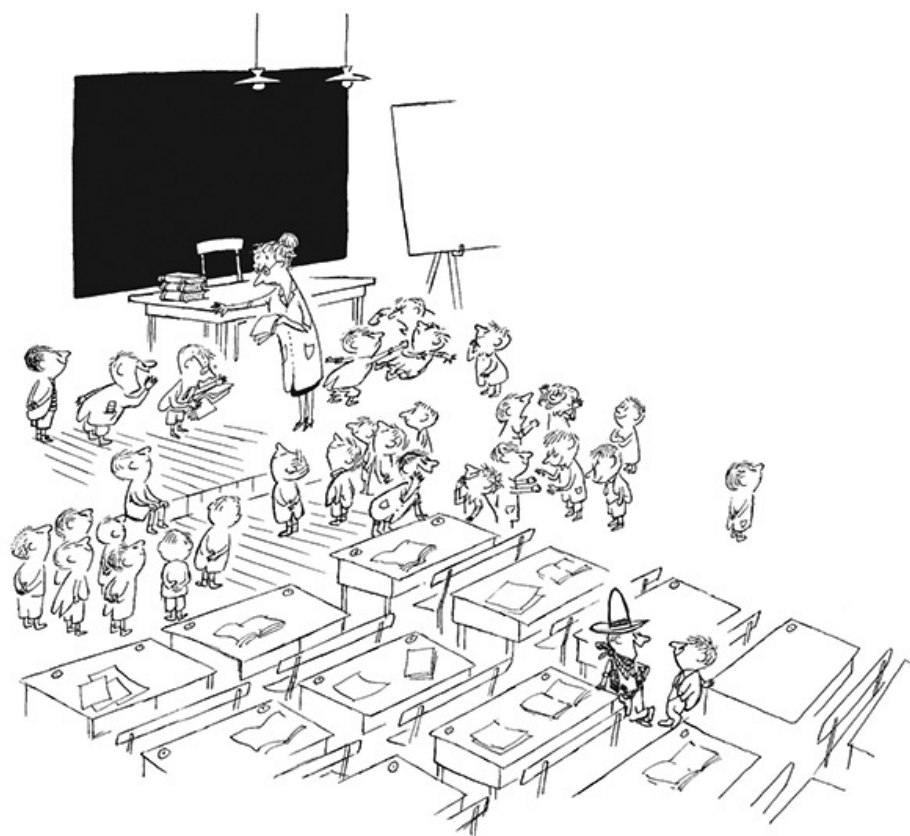
O Alceste mordeu a ponta do charuto e cuspiu-a. Disse-me que tinha visto

fazer assim num filme de bandidos. E depois, prestámos muita atenção para não estragar o fósforo e tudo correu bem. O Alceste, como o charuto era dele, era ele que começava, aspirava fazendo montes de barulho e havia muito fumo. À primeira vez, o Alceste ficou surpreendido, aquilo fê-lo tossir e passou-me o charuto. Eu aspirei também, e devo dizer que não achei aquilo assim tão bom e também me fez tossir. «Tu não sabes», disse-me o Alceste, «olha! O fumo pelo nariz!» E o Alceste agarrou no charuto e tentou fazer passar o fumo pelo nariz, e aquilo fê-lo tossir violentamente. Eu lá tentei por minha vez e consegui fazer melhor, mas o fumo fez-me arder os olhos. Estávamos a divertir-nos muito.

Estávamos a passar o charuto um ao outro quando o Alceste me disse: «Isto enjoa-me, já não tenho fome.» Estava verde, o Alceste, e depois, de repente, ficou bestialmente doente. Quanto ao charuto, deitámo-lo fora, eu tinha a cabeça a andar à roda e um bocado vontade de chorar. «Vou para casa da minha mãe», disse o Alceste, e foi-se embora a agarrar a barriga. Acho que não vai comer babá esta noite.

Eu também voltei para casa. Aquilo não ia lá muito bem. O meu pai estava sentado na sala a fumar cachimbo, a minha mãe tricotava e eu fiquei doente. A minha mãe estava muito preocupada, perguntou-me o que é que eu tinha, disse-lhe que era do fumo, mas não consegui continuar a explicar-lhe a história do charuto, porque ainda fiquei mais doente. «Estás a ver», disse a minha mãe ao meu pai, «sempre te disse que esse cachimbo empestava!» E lá em casa, desde que fumei o charuto, o meu pai não tem autorização para fumar cachimbo.







O pequeno polegar

A professora explicou-nos que o diretor da escola se ia embora, para a reforma. Para festejar isso, prepararam-se coisas ótimas na escola, vai-se fazer como para a distribuição dos prémios: virão os pais e as mães, vão-se pôr cadeiras na sala grande, poltronas para o diretor e para os professores, grinaldas e um estrado para fazer a representação. Os cómicos, como de costume, vamos ser nós, os alunos.

Cada turma prepara alguma coisa. Os grandes vão fazer ginástica, põem-se todos uns por cima dos outros e o que está mais alto agita uma bandeirinha e toda a gente aplaude. Fizemos isso, no ano passado, para a distribuição dos prémios e foi muito giro, ainda que no fim tenha falhado um bocado no que respeita à bandeira, porque eles caíram antes de a agitarem. A turma acima da nossa vai dançar. Estarão todos vestidos de camponeses, com tamancos. Vão por-se em roda, bater no estrado com os tamancos, mas em vez de agitarem uma bandeira agitarão lenços enquanto gritam «iup-lá!» Também eles fizeram isso no ano passado, foi menos giro que a ginástica, mas não caíram. Há uma turma que vai cantar o *Frère Jacques* e um antigo aluno que vai fazer um discurso de saudação e dizer-nos que foi porque o diretor lhe deu bons conselhos que ele se tornou um homem e secretário da Câmara Municipal.



Nós, vai ser formidável! A professora disse-nos que íamos representar uma peça! Uma peça como nos teatros e na televisão do Clotário, porque o meu pai ainda não quis comprar uma.

A peça chama-se *O Pequeno Polegar e o Gato das Botas* e hoje, na aula, estamos a fazer o primeiro ensaio, a professora tem de nos dizer que papéis vamos representar. O Godofredo, à cautela, veio vestido de *cow-boy*, o pai dele é muito rico e compra-lhe montes de coisas, mas a professora não gostou lá muito do disfarce do Godofredo. «Já te preveni, Godofredo», disse ela, «de que não gosto que venhas para a escola disfarçado. Aliás, não há *cow-boys* nesta peça.» «Não há *cow-boys*?», perguntou o Godofredo, «e chama a isso uma peça? Vai ser lindo!» E a professora mandou-o para o castigo.

A história da peça é muito complicada e não compreendi muito bem quando a professora a contou. Sei que há o Pequeno Polegar que anda à procura dos irmãos e encontra o Gato das Botas e há o marquês de Carabás e um ogre que quer comer os irmãos do Pequeno Polegar e o Gato das Botas ajuda o Pequeno Polegar e o ogre é vencido e torna-se simpático e penso que no fim não come os irmãos do Pequeno Polegar e toda a gente fica contente e comem outra coisa.

«Vejam», disse a professora, «quem vai representar o papel do Pequeno Polegar?» «Eu, minha senhora», disse o Aniano. «É o papel principal e eu sou o melhor aluno da aula!» É verdade que o Aniano é o melhor aluno da aula, também é o menino-bonito da professora e um mau colega que passa a vida a chorar e que usa óculos e não lhe podemos bater por causa disso. «Tens tanto cara para Pequeno Polegar como eu para fazer renda!», disse o Eudes, um compincha, e o Aniano começou a chorar e a professora pôs o Eudes de castigo, ao lado do Godofredo.

«Agora preciso de um ogre», disse a professora, «um ogre que tem vontade de comer o Pequeno Polegar!» Cá eu propus que o ogre fosse o Alceste, porque é muito gordo e passa a vida a comer. Mas o Alceste não estava de acordo, olhou para o Aniano e disse: «Cá eu não como disso!» É a primeira que vejo o Alceste com um ar enjoado; é certo que a ideia de comer o Aniano não é lá muito apetitosa. O Aniano ofendeu-se por não o quererem comer. «Se não retiras o que disseste», gritou o Aniano, «vou-me queixar aos meus pais e fazer-te expulsar da escola!» «Silêncio!», gritou a professora. «Alceste, tu vais fazer a multidão dos aldeões e também serás o ponto, para ajudares os teus colegas durante a representação.» A ideia de soprar aos colegas, como quando estão no quadro, divertiu o Alceste, e tirou uma bolacha do bolso, meteu-a na boca e disse: «Tá!» «Isso é que é maneira de se exprimir», gritou a professora, «fazes favor de falar corretamente!» «Tá, minha senhora», corrigiu o Alceste, e a professora deu um grande suspiro; ela anda com um ar cansado, nestes últimos dias.

Para o Gato das Botas a professora tinha primeiro escolhido o Maixent. Tinha-lhe dito que teria um belo fato, uma espada, bigodes e uma cauda. O Maixent estava de acordo quanto ao fato, aos bigodes e sobretudo à espada, mas não queria nada com a cauda. «Vou ficar com ar de macaco», disse ele. «E então», disse o Joaquim, «ficarás natural!», e o Maixent deu-lhe um pontapé, o Joaquim devolveu-lhe uma bofetada, a professora pôs os dois de castigo e disse-me que o Gato das Botas seria eu e que se não me agradasse teria a mesma sorte dos outros, porque começava a estar farta deste bando de patifes e tinha muita pena dos nossos pais por terem de nos criar e que se aquilo continuasse assim havíamos de acabar nos trabalhos forçados e que tinha pena dos guardas.

Depois de o Rufus ter sido escolhido para fazer de ogre e o Clotário de marquês de Carabás, a professora deu-nos folhas escritas à máquina, onde estava o que tínhamos de ler. A professora viu que havia montes de atores no castigo, então disse-lhes para voltarem e ajudarem o Alceste a fazer a multidão dos aldeões. O Alceste não estava contente, queria fazer a multidão sozinho, mas a professora disse-lhe para se calar. «Bem», disse a professora, «vamos começar, leiam bem os

vossos papéis. Aniano, olha o que tens de fazer: chegas aqui, estás desesperado, é a floresta, andas à procura dos teus irmãos e encontras-te diante do Nicolau, o Gato das Botas. Vocês, a multidão, dizem, todos juntos: mas é o Pequeno Polegar e o Gato das Botas! Vamos lá!»

Pusemo-nos diante do quadro. Eu tinha posto uma régua à cintura para fingir que era a espada e o Aniano começou a ler o seu papel. «Meus irmãos», disse ele, «onde é que estão os meus pobres irmãos!» «Meus irmãos», gritou o Alceste, «onde é que estão os meus pobres irmãos!» «Mas afinal, Alceste, o que é que estás a fazer?», perguntou a professora. «E então», respondeu o Alceste, «eu sou o ponto, logo sopro!» «Minha senhora», disse o Aniano, «quando o Alceste sopra, manda-me migalhas de bolacha para os óculos e deixo de ver! Vou-me queixar aos meus pais!» E o Aniano tirou os óculos para os limpar; então o Alceste aproveitou rapidamente e deu-lhe uma bofetada. «No nariz!», gritou o Eudes, «dá-lhe no nariz!» O Aniano começou a gritar e a chorar. Disse que era infeliz e que o queríamos matar e rebolou-se pelo chão. O Maixent, o Joaquim e o Godofredo começaram a fazer a multidão: «Mas é o Pequeno Polegar», diziam eles, «e o Gato das Botas!» Eu andava à pancada com o Rufus. Eu tinha a régua e ele um tinteiro. O ensaio estava a correr bestialmente bem, quando de repente a professora gritou: «Basta! Para os vossos lugares! Não irão representar esta peça durante a festa. Não quero que o Senhor Diretor veja isto!» Ficámos todos de boca aberta.

Era a primeira vez que ouvíamos a professora castigar o diretor!







A bicicleta

O meu pai não me queria comprar uma bicicleta. Dizia sempre que as crianças são muito imprudentes e que querem fazer acrobacias e que partem as bicicletas e se magoam. Eu dizia ao meu pai que seria prudente e depois chorava e depois amuava e depois dizia que ia fugir de casa, e por fim o meu pai disse que eu teria uma bicicleta se ficasse entre os dez primeiros em aritmética.

Foi por isso que eu ontem estava todo contente ao voltar da escola, porque tinha sido o décimo. O meu pai, quando soube, abriu muito os olhos e disse: «Com que então, e esta, com que então», e a minha mãe deu-me um beijo e disse-me que o meu pai me compraria imediatamente uma linda bicicleta e que tinha sido muito bom ter conseguido fazer bem o trabalho de aritmética. É preciso dizer que tive sorte, porque só éramos onze a fazer o trabalho, todos os outros colegas estavam com gripe e o décimo primeiro era o Clotário, que é sempre o pior, mas para ele não é grave, pois já tem uma bicicleta.

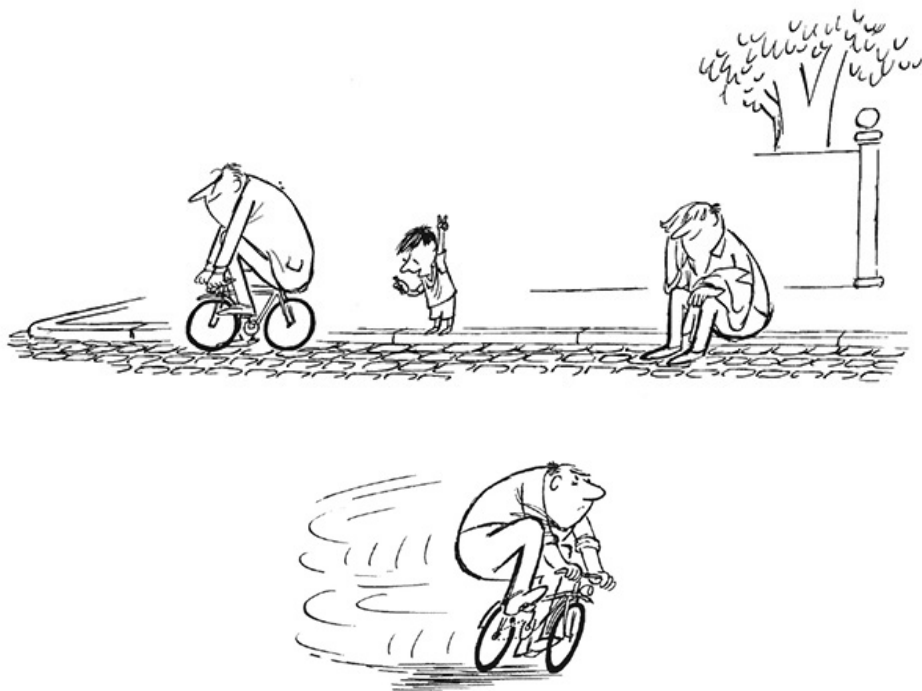
Hoje, quando cheguei a casa, vi o meu pai e a minha mãe que estavam à minha espera no jardim com grandes sorrisos nos lábios.

«Temos uma surpresa para o nosso filhote!», disse a minha mãe, e estava com uns olhos todos sorridentes, e o meu pai foi à garagem e trouxe, não vão adivinhar: uma bicicleta! Uma bicicleta vermelha e prateada que brilhava, com um farol e uma campainha. Incrível! Eu comecei a correr e depois beijei a minha mãe, beijei o meu pai e beijei a bicicleta. «Tens de me prometer que vais ser cauteloso», disse o meu pai, «e que não fazes acrobacias!» Eu prometi, e então a minha mãe deu-me um beijo, disse-me que eu era o seu grande filhote e que ia preparar um creme de chocolate para a sobremesa e entrou em casa. A minha mãe e o meu pai são os mais fixes do mundo!

O meu pai ficou comigo no jardim. «Sabes», disse-me ele, «que eu era um excelente campeão de ciclismo e que se não tivesse conhecido a tua mãe talvez tivesse passado a profissional?» Isso não sabia eu. Sabia que o meu pai tinha sido um campeão incrível de futebol, de *rugby*, de natação e de boxe, mas de bicicleta era novidade. «Vou mostrar-te», disse o meu pai, e sentou-se na minha bicicleta e começou a dar voltas no jardim. Claro que a bicicleta era demasiado pequena para o meu pai e ele tinha problemas com os joelhos, que lhe chegavam até à cara, mas desenhencilhava-se.

«É um dos espetáculos mais grotescos a que me foi dado assistir desde a última vez que te vi!» Quem tinha falado era o Sr. Blédurt, que olhava por cima da sebe do jardim. O Sr. Blédurt é o nosso vizinho, que gosta muito de arreliar o meu pai. «Cala-te», respondeu-lhe o meu pai, «não sabes nada de bicicletas!» «O quê?», gritou o Blédurt, «fica a saber, pobre ignorante, que eu era campeão inter-regional amador e que teria passado a profissional se não tivesse conhecido a minha

mulher!» O meu pai pôs-se a rir. «Campeão, tu?», disse o meu pai. «Não me faças rir, mal te agentas num triciclo!» Isso não agradou mesmo nada ao Sr. Blédurt. «Vais ver», disse ele, e saltou por cima da sebe. «Passa-me lá essa bicicleta», disse o Sr. Blédurt pondo a mão no guiador, mas o meu pai recusava-se a largar a bicicleta. «Ninguém te chamou para aqui, Blédurt», disse o meu pai, «volta para a tua toca!» «Tens medo que eu te envergonhe diante do desgraçado do teu filho?», perguntou o Sr. Blédurt. «Cala-te, olha, metes-me dó, é o que metes!», disse o meu pai, arrancou o guiador das mãos do Sr. Blédurt e recomeçou a dar voltas ao jardim. «Grotesco!», disse o Sr. Blédurt. «Essas palavras de inveja não me atingem», respondeu o meu pai.



Cá eu corria atrás do meu pai e perguntei-lhe se poderia dar uma volta na minha bicicleta, mas ele não me ouvia, porque o Sr. Blédurt pôs-se a gozar a olhar para o meu pai e o meu pai derrapou em cima das begónias. «O que é que aconteceu para te estares a rir tão estupidamente?», perguntou o meu pai. «Posso dar uma volta, agora?», disse eu. «Estou a rir porque me diverte rir!», disse o Sr. Blédurt. «Afinal, a bicicleta é minha», disse eu. «És completamente idiota, pobre Blédurt», disse o meu pai. «Ah sim?», perguntou o Sr. Blédurt. «Sim!», respondeu o meu pai. Então, o Sr. Blédurt aproximou-se do meu pai e empurrou o meu pai, que caiu com a minha bicicleta em cima das begónias. «A minha bicicleta!», gritei eu. O meu pai levantou-se e empurrou o Sr. Blédurt, que também caiu dizendo: «Ora essa, experimenta só!»

Quando deixaram de se empurrar um ao outro, o Sr. Blédurt disse: «Tenho uma

ideia, fazemos uma corrida contrarrelógio à volta do quarteirão, veremos qual dos dois é mais forte!» «Nem pensar nisso», respondeu o meu pai, «estás proibido de montar na bicicleta do Nicolau! Aliás, gordo como és, partirias a bicicleta.» «Fracote!», disse o Sr. Blédurt. «Fracote? Eu?», gritou o meu pai, «vais ver!» O meu pai agarrou na bicicleta e saiu para o passeio. Eu e o Sr. Blédurt seguimo-lo. Eu começava a estar farto, e além disso ainda nem sequer me tinha sentado na bicicleta! «Já está», disse o meu pai, «cada um dá uma volta ao quarteirão e cronometra-se, o vencedor é proclamado campeão. Aliás, isto é apenas uma formalidade, para mim, está ganho antecipadamente!» «Fico feliz por reconheceres a tua derrota», disse o Sr. Blédurt. «E eu, o que é que eu faço?», perguntei eu. O meu pai voltou-se para mim, muito surpreendido, como se se tivesse esquecido que eu estava ali. «Tu?», disse-me o meu pai, «tu? Pois bem, tu vais cronometrar. O Sr. Blédurt vai dar-te o relógio.» Mas o Sr. Blédurt não me queria dar o relógio, porque dizia que as crianças partem tudo, então o meu pai disse-lhe que ele era forreta e deu-me o relógio dele, que é bem giro, com um grande ponteiro que anda muito depressa, mas cá eu teria preferido a minha bicicleta.



O meu pai e o Sr. Blédurt tiraram à sorte e foi o Sr. Blédurt quem partiu primeiro. Como é verdade que é bastante gordo, quase não se via a bicicleta e as pessoas que passavam na rua voltavam-se para trás a rir para verem o Sr. Blédurt. Não ia muito depressa e depois virou a esquina e desapareceu. Quando o vimos voltar pela outra esquina, o Sr. Blédurt estava todo vermelho, deitava a língua de fora e fazia montes de ziguezagues. «Quanto?», perguntou ele quando chegou à minha frente. «Nove minutos e o ponteiro grande entre o cinco e o seis», respondi eu. O meu pai pôs-se a rir. «Bem, meu caro, contigo a Volta a França iria durar seis meses!» «Em vez de te entregares a brincadeiras infantis», respondeu o Sr. Blédurt, que tinha dificuldade em respirar, «tenta fazer melhor!» O meu pai agarrou na bicicleta e partiu.

O Sr. Blédurt, que retomava o fôlego, e eu, que olhava para o relógio, esperávamos. Eu queria que o meu pai ganhasse, claro, mas o relógio avançava e vimos nove minutos e depois, imediatamente depois, dez minutos. «Ganhei! Sou o campeão!», gritou o Sr. Blédurt.

Aos quinze minutos continuávamos a não ver regressar o meu pai. «É curioso», disse o Sr. Blédurt, «devíamos ir ver o que é que se passa.» E depois vimos que o

meu pai vinha lá ao fundo. Vinha a pé. Tinha as calças rasgadas, tinha o lenço no nariz e agarrava na bicicleta à mão, bicicleta que tinha o guiador ao contrário, a roda toda torcida e o farol partido. «Fui contra um caixote do lixo», disse o meu pai.



No dia seguinte contei aquilo durante o recreio ao Clotário. Ele disse-me que lhe tinha acontecido quase a mesma coisa com a primeira bicicleta.

«O que é que tu queres», disse-me o Clotário, «os pais são sempre assim, fazem palhaçadas, e, se não prestamos atenção, partem as bicicletas e magoam-se.»







Estou doente

Sentia-me muito bem ontem, a prova é que comi montes de rebuçados, de bombons, de bolos, de batatas fritas e de gelados, e, durante a noite, não percebo porquê, assim de repente, fiquei muito doente.

O médico veio esta manhã. Quando entrou no meu quarto, chorei, mais por hábito do que por outra coisa, porque conheço bem o médico e ele é bestialmente simpático. E depois agrada-me quando ele põe a cabeça no meu peito, porque ele é completamente careca e vejo-lhe o crânio a brilhar mesmo por debaixo do meu nariz e é divertido. O médico não se demorou muito, deu-me uma palmadinha na cara e disse à minha mãe: «Ponha-o a dieta e sobretudo que continue deitado, que descanse.» E foi-se embora.

A minha mãe disse-me: «Ouviste o que disse o médico. Espero que sejas ajuizado e muito obediente.» Eu disse à minha mãe que podia estar descansada. É verdade, gosto muito da minha mãe e obedeço-lhe sempre. Mais vale, porque senão arranjo problemas.



Agarrei num livro e comecei a ler, era giro, cheio de imagens, e falava de um ursinho que se perdia na floresta onde havia caçadores. Eu prefiro as histórias de *cow-boys*, mas a tia Pulquéria, cada vez que faço anos, dá-me livros cheios de ursinhos, de coelhinhos, de gatinhos, de todo o tipo de animaizinhos. A tia Pulquéria deve gostar disso.

Estava a ler, no momento em que o lobo mau ia comer o ursinho, quando a minha mãe entrou seguida pelo Alceste. O Alceste é meu amigo, é aquele que é muito gordo e que passa a vida a comer. «Olha, Nicolau», disse-me a minha mãe, «o teu amiguinho Alceste veio visitar-te, não foi simpático?» «Bom dia, Alceste», disse eu, «foi porreiro teres vindo.» A minha mãe começou a dizer-me que eu não devia dizer «porreiro» a toda a hora, quando viu a caixa que o Alceste tinha debaixo do braço. «O que é que trazes aí, Alceste?», perguntou ela. «Bombons», respondeu o Alceste. A minha mãe então disse ao Alceste que ele era muito simpático, mas que ela não queria que ele me desse os bombons, porque eu estava a dieta. O Alceste disse à minha mãe que não pensava dar-me os bombons, que os tinha trazido para os comer ele próprio e que se eu quisesse bombons que os fosse comprar, ora essa! A minha mãe olhou para o Alceste, um pouco espantada, deu um suspiro e depois saiu dizendo-nos para termos juízo. O Alceste sentou-se ao lado da cama e olhava para mim sem dizer nada, comendo os bombons. O que me

fazia uma inveja bestial. «Alceste», disse eu, «dás-me dos teus bombons?» «Não tás doente?», respondeu-me o Alceste. «Alceste, não tás a ser porreiro», disse eu. O Alceste disse-me que eu não devia dizer «porreiro» e meteu dois bombons na boca, então andámos à bulha.



A minha mãe chegou a correr e não estava nada contente. Separou-nos, ralhou connosco, e depois disse ao Alceste para se ir embora. Ver o Alceste ir-se embora aborrecia-me, estávamos a divertir-nos tanto os dois, mas compreendi que era melhor não discutir com a minha mãe, o ar dela não era para brincadeiras. O Alceste apertou-me a mão, disse-me até breve e foi-se embora. Gosto muito do Alceste, é um compincha.

Quando a minha mãe olhou para a cama pôs-se aos gritos. É preciso dizer que durante a bulha eu e o Alceste esmagámos alguns bombons em cima dos lençóis; também tinha chocolate no pijama e nos cabelos. A minha mãe disse-me que eu era insuportável e mudou os lençóis, levou-me à casa de banho, onde me esfregou com uma esponja e água de colónia, e vestiu-me um pijama limpo, o azul às riscas. Depois a minha mãe deitou-me e disse-me para não a voltar a incomodar. Fiquei sozinho e voltei ao meu livro, o do ursinho. O lobo mau não o tinha agarrado, ao ursinho, porque um caçador tinha apanhado o lobo, mas agora era um leão que queria comer o ursinho, ele não via o leão porque estava a comer mel. Tudo aquilo

me fazia cada vez mais fome. Pensei chamar a minha mãe, mas não quis que ralhasse comigo, ela tinha-me dito para não a incomodar, então levantei-me para ir ver se não haveria qualquer coisa boa no frigorífico.

Havia montes de coisas boas no frigorífico. Come-se muito bem cá em casa. Agarrei numa coxa de frango, é bom frio, bolo com natas e uma garrafa de leite. «Nicolau!», ouvi eu gritar atrás de mim. Tive muito medo e larguei tudo. Era a minha mãe, que tinha entrado na cozinha e que de certeza não estava à espera de aí me encontrar. Chorei, à cautela, porque a minha mãe estava com um ar zangado como tudo. Então a minha mãe não disse nada, levou-me para a casa de banho, esfregou-me com a esponja e água de colónia e mudou-me o pijama, porque o que eu tinha estava todo salpicado de leite e de natas. A minha mãe pôs-me o pijama vermelho aos quadrados e mandou-me deitar depressa, porque tinha de limpar a cozinha.

De regresso à cama, não quis voltar a pegar no livro do ursinho que toda a gente queria comer. Estava farto daquele safado urso que me fazia fazer asneiras. Mas não me agradava ficar assim, sem fazer nada, então decidi desenhar. Não quis agarrar nas belas folhas de papel branco com o nome do meu pai escrito em letras brilhantes no canto, porque ele ralhava-me, preferi agarrar nuns papéis em que havia coisas escritas de um lado e que de certeza já não serviam. Agarrei também na velha caneta do meu pai, naquela que não me faria correr riscos.

Rápido, rápido, rápido, voltei para o quarto e deitei-me. Comecei a desenhar coisas formidáveis: barcos de guerra que lutavam com tiros de canhão contra aviões que explodiam no céu, castelos com montes de gente que atacava e montes de gente que lhes atirava coisas à cabeça para os impedir de atacar. Como não estava a fazer barulho há um bocado, a minha mãe veio ver o que é que se passava. Pôs-se a gritar novamente. É preciso dizer que a caneta do meu pai deita um pouco de tinta, aliás é por isso que o meu pai já não a usa. É muito prática para desenhar as explosões, mas pus tinta por mim acima e também nos lençóis e na colcha. A minha mãe estava zangada e não gostou dos papéis em que eu desenhava, porque parece que o que estava escrito do outro lado do desenho eram coisas importantes para o meu pai.



A minha mãe fez-me levantar, mudou os lençóis da cama, levou-me para a casa de banho, esfregou-me com uma pedra-pomes, com a esponja e com o que restava no fundo do frasco de água de colónia e vestiu-me uma velha camisa do meu pai em vez do pijama, porque pijamas limpos já não havia.

À noite, o médico veio pôr a cabeça no meu peito, deitei-lhe a língua de fora, deu-me uma palmadinha na cara e disse-me que eu estava curado e que me podia levantar.

Mas de facto hoje não temos sorte com as doenças, cá em casa. O médico achou que a minha mãe estava com mau aspeto e disse-lhe para se deitar e para fazer dieta.







Divertimo-nos muito

Esta tarde, ao ir para a escola, encontrei o Alceste, que me disse: «Se não fôssemos à escola?» Eu disse-lhe que não era bem feito não ir à escola, que a professora não ficaria contente, que o meu pai me tinha dito que era preciso trabalhar se queria triunfar na vida e vir a ser aviador, que isso aborreceria a minha mãe e que não era bonito mentir. O Alceste respondeu-me que esta tarde tínhamos aritmética, então eu disse «está bem» e não fomos à escola.

Em vez de irmos na direção da escola, fomos a correr no outro sentido. O Alceste pôs-se a soprar e não conseguia seguir-me. É preciso que vos diga que o Alceste é um gordo que passa a vida a comer, então, claro, isso não o deixa correr, sobretudo porque eu sou muito bom nos quarenta metros, que é o comprimento do recreio da escola. «Despacha-te, Alceste», disse eu. «Não posso mais», respondeu-me o Alceste, fez montes de «puf-puf» e depois parou. Então eu disse-lhe que era melhor não ficar ali, porque senão os nossos pais e as nossas mães podiam ver-nos e nós ficaríamos sem sobremesa e além disso havia inspetores da escola e levar-nos-iam para o calabouço e só nos dariam pão e água para comer. Quando o Alceste ouviu isto, isso deu-lhe uma coragem bestial e pôs-se a correr tão depressa que eu não conseguia apanhá-lo.



Parámos muito longe, muito depois da mercearia do Sr. Compani, que é muito simpático e onde a minha mãe compra compota de morangos que é porreira porque não tem caroços, não é como os alperces. «Aqui estamos sossegados», disse o

Alceste, e tirou bolachas do bolso e começou a comê-las, porque, disse-me, correr logo a seguir ao almoço tinha-lhe dado fome.

«Tiveste uma boa ideia, Alceste», disse eu, «quando penso nos nossos amigos que estão na escola a fazer a aritmética, tenho vontade de me rir!» «Eu também», disse o Alceste, e rimo-nos. Quando acabámos de rir, perguntei ao Alceste o que é que íamos fazer. «Cá eu não sei», disse o Alceste, «podíamos ir ao cinema.» Isso também era uma ideia bem engraçada, mas não tínhamos dinheiro. Nos bolsos encontrámos fio, berlindes, dois elásticos e migalhas. As migalhas não as guardámos, porque estavam no bolso do Alceste e ele comeu-as. «Bah», disse eu, «não faz mal, mesmo sem cinema, os outros haviam de querer estar aqui ao pé de nós!» «Pois», disse o Alceste, «afinal nem me apetecia muito ir ver *A Vingança do Xerife*.» «Pois», disse eu, «não passa de um filme de *cow-boys*.» E passámos em frente do cinema para ver os cartazes. Também havia uns desenhos animados.

«E se fôssemos até à praceta», disse eu, «podíamos fazer uma bola de papel e treinar.» O Alceste respondeu-me que não era nada má ideia, mas que na praceta havia o guarda e que, se nos via, iria perguntar-nos por que é que não estávamos na escola e que nos levaria para o calabouço e nos aplicaria o golpe do pão e água. Só de pensar nisso, o Alceste teve fome e tirou uma sanduíche de queijo da pasta. Continuámos a andar pela rua, e quando o Alceste acabou a sanduíche disse-me: «Os outros, na escola, não se estão à divertir!» «É verdade», disse eu, «e depois, de qualquer maneira, é tarde de mais para lá irmos, seríamos castigados.»





Fomos ver as montras. O Alceste explicou-me a da charcutaria e depois fizemos caretas diante da perfumaria, onde há espelhos, mas fomo-nos embora porque reparámos que as pessoas na loja olhavam para nós e estavam com um ar espantado. Na montra do relojoeiro vimos as horas e ainda era muito cedo. «Porreiro», disse eu, «ainda temos tempo de nos divertir antes de voltar para casa.» Como estávamos cansados de andar, o Alceste propôs que fôssemos para o descampado, lá ao fundo, não há ninguém e podemos sentar-nos no chão. O terreno é muito bom, e começámos a brincar atirando pedras a latas de conserva. E depois fartámo-nos das pedras, então sentámo-nos e o Alceste começou a comer uma sanduíche de fiambre, a última da pasta. «Na escola», disse o Alceste, «devem estar em cheio nos problemas.» «Não», disse eu, «a esta hora deve ser o recreio.» «Bah! tu achas divertido o recreio?», perguntou-me o Alceste. «Bah!», respondi-lhe eu, e depois pus-me a chorar. É verdade, afinal não era divertido estar ali, sozinhos os dois e não podermos fazer nada e sermos obrigados a esconder-nos e

eu tinha razão em querer ir à escola, mesmo com os problemas, e se não tivesse encontrado o Alceste estaria agora no recreio e jogaria ao berlinde e aos polícias e ladrões e eu sou ótimo ao berlinde. «O que te aconteceu para estares a chorar assim?», perguntou-me o Alceste. «É por tua causa que não posso jogar aos polícias e ladrões», disse-lhe eu. O Alceste não gostou nada disso. «Não te pedi para me seguires», disse-me ele, «e além disso, se te tivesses recusado a vir, claro que teria ido à escola, tudo isto é por tua causa!» «Ah sim?», disse eu ao Alceste, como diz o meu pai ao Sr. Blédurt, que é um vizinho que gosta muito de arrelhar o meu pai. «Sim», respondeu o Alceste, como o Sr. Blédurt responde ao meu pai, e andámos à pancada, como o meu pai com o Sr. Blédurt.

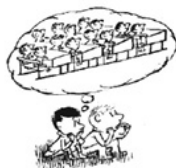
Quando acabámos de andar à pancada, começou a chover, então fomo-nos embora a correr do descampado, porque não havia lá onde nos metermos para não ficarmos molhados e a minha mãe disse-me que não quer que eu ande à chuva e eu quase nunca desobedeço à minha mãe.

Eu e o Alceste fomo-nos pôr encostados à montra do relojoeiro. Chovia muito e estávamos sozinhos na rua, não era lá muito divertido. Esperámos assim a hora de voltar para casa.



Quando cheguei a casa, a minha mãe disse-me que eu estava muito amareleno e que tinha um ar cansado e que se quisesse amanhã poderia não ir à escola, mas eu recusei e a minha mãe ficou muito espantada.

É que amanhã, quando eu e o Alceste lhes contarmos como nos divertimos tanto, os nossos amigos da escola vão ficar bestialmente ciumentos!







Fui visitar o Aniano

Queria sair para ir brincar com os meus amigos, mas a minha mãe disse-me que não, que nem pensar nisso, que não gostava muito dos rapazinhos com quem eu andava, que passávamos a vida a fazer asneiras juntos e que eu estava convidado para lanche em casa do Aniano, que, ele sim, era simpático, bem educado, e que eu bem faria se lhe seguisse o exemplo.

Eu não tinha lá muita vontade de ir lanche à casa do Aniano, nem de lhe seguir o exemplo. O Aniano é o melhor aluno da aula, o menino-bonito da professora, não é muito bom colega, mas não lhe batemos muito, porque usa óculos. Eu teria preferido ir à piscina com o Alceste, o Godofredo, o Eudes e os outros, mas não havia nada a fazer, o ar da minha mãe não era para brincadeiras, e, de qualquer forma, eu obedecia sempre à minha mãe, sobretudo quando ela não está para brincadeiras.

A minha mãe mandou-me tomar banho, pentear, e disse-me para vestir o fato azul-escuro, o que tem vincos nas calças, a camisa branca de seda e a gravata de pintas. Estava vestido como para o casamento da minha prima Elvira, daquela vez em que fiquei doente depois de comer.

«Não faças essa cara», disse-me a minha mãe, «vais divertir-te muito com o Aniano!», e depois fomos embora. Eu estava sobretudo com medo de encontrar os meus amigos. Teriam gozado comigo se me tivessem visto assim vestido!

Foi a mãe do Aniano quem nos abriu a porta. «Como ele está bonito!», disse ela; deu-me um beijo e depois chamou o Aniano: «Aniano! Vem depressa! O teu amiguinho Nicolau chegou!» O Aniano veio, também ele estava vestido de uma forma esquisita, tinha uns calções de veludo, peúgas brancas e uns sapatos pretos engraçados que brilhavam muito. Estávamos os dois com ar de palhaços, eu e ele.



O Aniano não tinha ar de estar lá muito contente por me ver; estendeu-me a mão e era completamente mole. «Entrego-lho», disse a minha mãe, «espero que ele não faça muitas asneiras; virei buscá-lo às seis horas.» A mãe do Aniano disse que tinha a certeza de que nos íamos divertir muito e de que eu seria ajuizado. A minha mãe foi-se embora, depois de ter olhado para mim como se estivesse um bocado preocupada.

Lanchámos. Foi bom, havia chocolate, compota, bolos, tostas, e não pusemos os cotovelos em cima da mesa. Depois a mãe do Aniano disse-nos para irmos brincar ajuizadamente para o quarto do Aniano.

No quarto, o Aniano começou por me prevenir de que eu não lhe devia bater, porque ele tinha óculos e se poria a gritar e a mãe dele me mandaria meter na prisão. Respondi-lhe que bem vontade tinha de lhe bater, mas que não o faria, porque tinha prometido à minha mãe que teria juízo. Isso pareceu agradar ao Aniano, e disse-me que íamos brincar. Começou a tirar montes de livros, de geografia, de ciências, de aritmética, e sugeriu-me que lêssemos e que fizéssemos problemas para passar o tempo. Disse-me que havia problemas giros com torneiras que enchem uma banheira sem tampa e que se esvazia ao mesmo tempo que enche.

Era boa ideia e perguntei ao Aniano se podia ver a banheira, que poderíamos divertir-nos. O Aniano olhou para mim, tirou os óculos, limpou-os, pensou um pouco e depois disse-me para ir atrás dele.

Na casa de banho havia uma grande banheira e eu disse ao Aniano que podíamos enchê-la e brincar com barquinhos. O Aniano disse-me que nunca tinha pensado nisso, mas que não era má ideia. A banheira encheu depressa, até ao bordo; claro que é preciso que se diga que nós a tínhamos tapado. Mas aí o Aniano ficou muito chateado porque não tinha barcos para brincar. Explicou-me que tinha muito poucos brinquedos, que tinha sobretudo livros. Felizmente, eu sei fazer barcos de papel, e agarrámos nas folhas do livro de aritmética. Claro que tivemos cuidado para que o Aniano possa voltar a colar as páginas no livro, porque é muito feio fazer mal a um livro, a uma árvore ou a um animal.

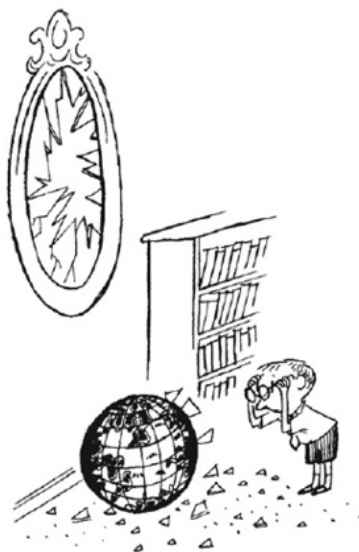
Divertimo-nos muito. O Aniano fazia ondas metendo o braço na água. Pena é que não tenha arregaçado a manga da camisa e que não tenha tirado o relógio que ganhou pelo último trabalho de história em que foi o melhor e que agora marca quatro e vinte e já não anda. Depois de um certo tempo, não sei quanto, por causa do relógio que tinha deixado de trabalhar, fartámo-nos, e além disso havia água por toda a parte e não quisemos fazer demasiada porcaria, sobretudo porque no chão havia lama e os sapatos do Aniano estavam menos brilhantes do que antes.

Voltámos para o quarto do Aniano e aí ele mostrou-me o globo. É uma grande bola de metal, na qual pintaram os mares e as terras. O Aniano explicou-me que era para aprender geografia e onde se encontravam os países. Isso sabia eu, há um globo assim na escola e a professora ensinou-nos como é que funciona. O Aniano disse-me que podíamos desenroscar o globo e então aquilo ficaria semelhante a uma grande bola. Creio que fui eu que tive a ideia de brincar com ela, não foi uma ideia lá muito muito boa. Divertíamo-nos a atirar o globo um ao outro, mas o

Aniano tinha tirado os óculos para não correr o risco de os partir, e sem óculos não vê muito bem, então falhou o globo, que foi bater do lado da Austrália no espelho, que se partiu. O Aniano, que tinha voltado a pôr os óculos para ver o que se tinha passado, estava muito chateado. Voltámos a pôr o globo no seu lugar e decidimos ter cuidado, senão as nossas mãos poderiam não ficar lá muito contentes.

Procurámos outra coisa para fazer e o Aniano disse-me que, para estudar ciências, o pai lhe tinha oferecido um jogo de química. Mostrou-mo e é muito giro. É uma grande caixa cheia de tubos, de umas garrafas redondas engraçadas, frasquinhos cheios de coisas de todas as cores, havia também uma lamparina de álcool. O Aniano disse-me que com tudo aquilo se podiam fazer experiências muito instrutivas.

O Aniano começou a verter uns pozinhos e uns líquidos nos tubos e aquilo mudava de cor, tornava-se vermelho ou azul, e de vez em quando havia um fumozinho branco. Era bestialmente instrutivo! Disse ao Aniano que deveríamos tentar outras experiências ainda mais instrutivas e ele concordou. Agarrámos na garrafa maior e deitámos lá dentro todos os pozinhos e todos os líquidos, depois pegámos na lamparina de álcool e pusemos a garrafa a aquecer. Ao princípio não correu mal, começou a fazer espuma e depois um fumo muito preto. O chato é que o fumo não cheirava bem e sujava tudo. Tivemos de interromper a experiência quando a garrafa rebentou.



O Aniano começou a gritar porque tinha deixado de ver, mas felizmente era apenas porque os vidros dos óculos estavam todos pretos; enquanto os limpava, eu abri a janela, porque o fumo nos fazia tossir. No tapete a espuma fazia barulhos engraçados, como a água a ferver, as paredes estavam todas pretas e nós não estávamos lá muito limpos.

E depois a mãe do Aniano entrou. Durante um instantinho ela não disse nada, abriu os olhos e a boca e depois começou a gritar, tirou os óculos ao Aniano e deu-

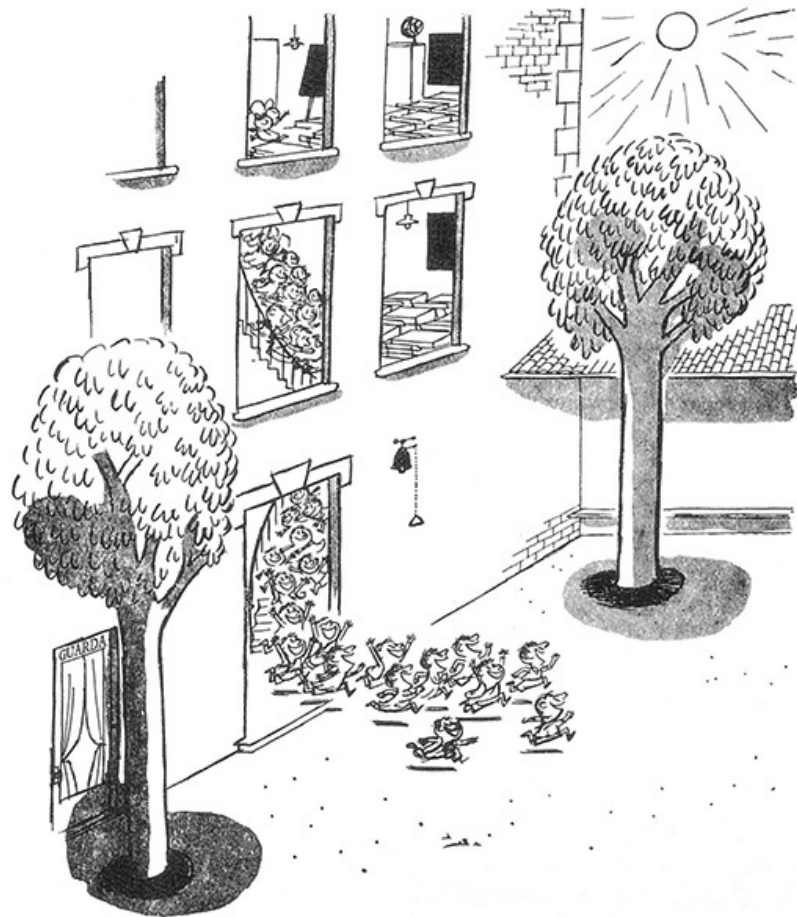
lhe um tabefe, depois agarrou-nos na mão para nos levar para a casa de banho e nos lavar. Quando viu a casa de banho, a mãe do Aniano não ficou mesmo nada contente.

O Aniano agarrava-se com força aos óculos, porque não lhe apetecia levar outro tabefe. Então a mãe do Aniano foi-se embora a correr dizendo que ia telefonar à minha mãe para que me viesse buscar imediatamente e que nunca tinha visto uma coisa assim e que era absolutamente inacreditável.

A minha mãe veio buscar-me muito depressa e eu estava muito contente, porque começava a não me divertir em casa do Aniano, sobretudo com a mãe dele que tinha um ar bestialmente nervoso. A minha mãe levou-me para casa dizendo-me constantemente que bem podia estar orgulhoso de mim e que ao jantar não ia ter sobremesa. Tenho de confessar que era bastante justo, porque eu e o Aniano fizemos ainda assim uma quantidade de asneiras. Em suma, a minha mãe tinha razão, como sempre: diverti-me muito com o Aniano. Cá por mim, gostaria de o voltar a ver, mas agora parece que é a mãe do Aniano que não quer que ele ande comigo.

Mesmo assim, gostaria que as mães acabassem por saber o que é que querem, já não se sabe com quem andar!



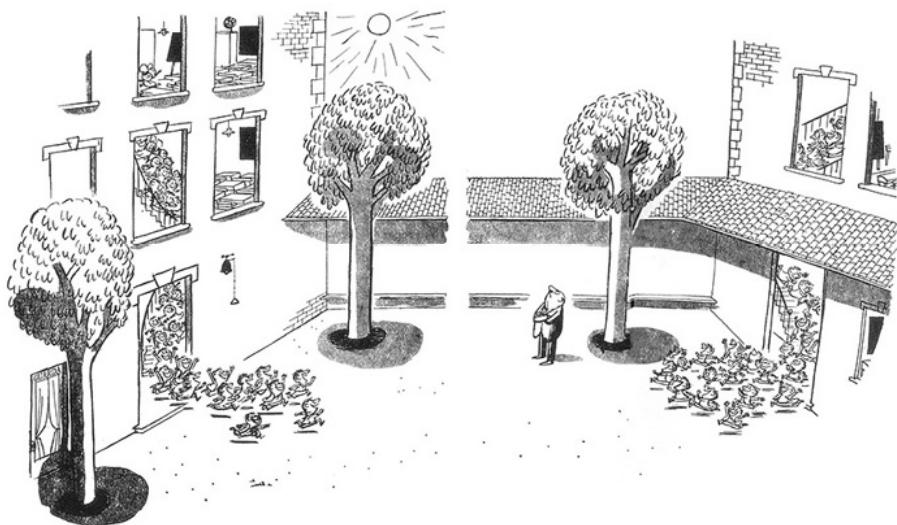




O Senhor Bordenave não gosta de sol

Eu não compreendo o senhor Bordenave quando ele diz que não gosta do bom tempo. É verdade, a chuva não é nada gira. Claro que também nos podemos divertir quando chove. Podemos patinhar nas poças, podemos levantar a cabeça e abrir a boca para engolir montes de gotas de água e em casa está-se bem, porque está quente e brinca-se com o comboio elétrico e a minha mãe faz chocolate com bolos. Mas quando chove não temos recreio na escola, porque não nos deixam descer para o pátio. É por isso que não compreendo o senhor Bordenave, porque também ele aproveita o bom tempo, é ele quem toma conta de nós no recreio.

Hoje, por exemplo, estava muito bom tempo, com montes de sol, e tivemos um recreio incrível, tanto mais quanto de há três dias para cá choveu o tempo todo e tivemos de ficar na aula. Chegámos ao pátio em fila, como para todos os recreios, e o senhor Bordenave disse-nos «Dispersem» e começámos a brincar. «Vamos jogar aos polícias e ladrões!», gritou o Rufus, cujo pai é polícia. «Não nos aborreças», disse o Eudes, «vamos jogar futebol.» E começaram à bulha. O Eudes é muito forte e gosta muito de dar murros no nariz dos amigos, e, como o Rufus é um amigo, ele deu-lhe um murro no nariz. O Rufus não estava à espera, então recuou e foi contra o Alceste, que estava a comer um pão com compota, e o pão caiu no chão e o Alceste começou a gritar. O senhor Bordenave veio a correr, separou o Eudes e o Rufus e pô-los no castigo.



«E o meu pão», perguntou o Alceste, «quem é que mo vai dar?» «Também

queres ir para o castigo?», respondeu o senhor Bordenave. «Não, eu cá quero o meu pão com compota», disse o Alceste. O senhor Bordenave ficou todo vermelho, começou a soprar pelo nariz, como quando fica furioso, mas não conseguiu continuar a falar com o Alceste, porque o Maixent e o Joaquim andavam à bulha. «Dá cá o meu berlinde, fizeste batota!», gritava o Joaquim, e puxava a gravata do Maixent e o Maixent dava-lhe bofetadas. «O que é que se passa aqui?», perguntou o senhor Bordenave. «O Joaquim não gosta de perder, é por isso que está a gritar, se quiser posso dar-lhe um murro no nariz», disse o Eudes, que se tinha aproximado para ver. O senhor Bordenave olhou para o Eudes, muito surpreendido: «Pensava que estavas no castigo?», disse ele. «Ah, está bem, é verdade», disse o Eudes, e voltou para o castigo, enquanto o Maixent ficava todo vermelho, porque o Joaquim não lhe largava a gravata, e o senhor Bordenave mandou os dois para o castigo, para ao pé dos outros.

«E o meu pão com compota?», perguntou o Alceste, que estava a comer um pão com compota. «Mas tu estás a comer um!», disse o senhor Bordenave. «Isso não tem nada a ver», gritou o Alceste, «eu trago quatro pães para o recreio e quero comer quatro pães!» O senhor Bordenave não teve tempo de se zangar, porque levou com uma bola na cabeça, pumba! «Quem é que fez isto?», gritou o senhor Bordenave com as mãos na testa. «Foi o Nicolau, eu vi-o», disse o Aniano. O Aniano é o melhor aluno da aula e o menino-bonito da professora, nós não gostamos muito dele, é um grande queixinhas, mas usa óculos e não se lhe pode bater quanto se gostaria. «Grande queixinhas», gritei eu, «se não tivesses óculos dava-te uma!» O Aniano começou a chorar, a dizer que era muito infeliz e que se ia matar e depois atirou-se para o chão. O senhor Bordenave perguntou-me se era verdade que tinha sido eu quem tinha atirado a bola e eu disse-lhe que sim, que estávamos a jogar ao mata e que tinha falhado o Clotário, e que não era culpa minha, porque não me apetecia matar o senhor Bordenave. «Não quero que joguem a esses jogos violentos! Vou confiscar a bola! E tu, vais já para o castigo!», disse-me o senhor Bordenave. Eu disse-lhe que era bestialmente injusto, o Aniano disse-me «Bem feito, bem feito, bem feito», e estava com um ar todo satisfeito e foi-se embora com o seu livro. O Aniano não brinca durante o recreio, leva um livro e revê as lições. É completamente louco, o Aniano!

«E então, o que é que se faz quanto ao pão com compota?», perguntou o Alceste. «Já estou no meu terceiro pão, o recreio está quase a acabar e vai-me faltar um pão, estou a avisá-lo!» O senhor Bordenave ia começar a responder-lhe mas não conseguiu e é pena, porque tinha ar de ser interessante o que ele tinha a dizer ao Alceste. Não conseguiu responder porque o Aniano estava no chão e dava gritos incríveis. «O que é que foi desta vez?», perguntou o senhor Bordenave. «Foi o Godofredo! Empurrou-me! Os meus óculos! Morro!», disse o Aniano, que falava como num filme que eu vi em que havia pessoas num submarino que não podiam voltar acima e as pessoas salvavam-se, mas o submarino estava perdido. «Nada disso, não foi o Godofredo, o Aniano caiu sozinho, ele não se aguenta de pé», disse o Eudes. «O que é que tens a ver com isto?», perguntou o Godofredo, «ninguém te

chamou para aqui, fui eu que o empurrei, e depois?» O senhor Bordenave começou a gritar com o Eudes para voltar para o castigo e disse ao Godofredo para o acompanhar. E depois apanhou o Aniano, que estava a deitar sangue pelo nariz e que chorava, e levou-o à enfermaria, seguido pelo Alceste, que lhe falava do pão com compota.

Nós decidimos jogar futebol. O que era chato é que os grandes já estavam a jogar futebol no pátio, e nem sempre nos entendemos muito bem e andamos à bulha muitas vezes. E desta vez, no pátio, com as duas bolas e os dois jogos de futebol que se misturavam, isso não podia deixar de acontecer. «Deixa essa bola, seu fedelho», disse um grande ao Rufus, «ela é nossa!» «Mentira!», gritou o Rufus, e não era mentira que era mentira, e um grande meteu um golo com a bola dos pequenos e o grande deu uma bofetada ao Rufus e o Rufus deu um pontapé na perna do grande. As batalhas com os grandes são sempre assim, eles dão-nos bofetadas e nós damos-lhes pontapés nas pernas. Naquele momento dávamo-nos em cheio e toda a gente levava e aquilo fazia um barulho bem engraçado. E, apesar do barulho, ouvimos o grito do senhor Bordenave, que voltava da enfermaria com o Aniano e o Alceste. «Olhe», disse o Aniano, «já não estão no castigo!» O senhor Bordenave estava com um ar muito zangado e veio até nós a correr, mas não chegou, porque escorregou no pão com compota do Alceste e caiu. «Muito bem», disse o Alceste, «lindo serviço, agora pise-o, pise o meu pão com compota!»

O senhor Bordenave levantou-se e estava a esfregar as calças e ficou com imensa compota na mão. Nós tínhamos recomeçado a andar à bulha e estava a ser um recreio muito giro, mas o senhor Bordenave olhou para o relógio e foi-se embora coxeando para tocar a sineta. O recreio tinha acabado.

Enquanto nos púnhamos em fila, chegou o Caldo. O Caldo é outro vigilante a quem chamamos assim porque está sempre a dizer: «Olhem-me nos olhos», e como o caldo tem olhos, chamamos-lhe Caldo. Foram os grandes quem arranjou esta alcinha.

«Então, meu caro Bordenave», disse o Caldo, «correu tudo bem?» «Como de costume», respondeu o senhor Bordenave, «o que é que tu queres, eu rezo para que chova; e quando me levanto pela manhã e vejo que está bom tempo, fico desesperado!»

Não, na verdade não consigo compreender o senhor Bordenave, quando ele diz que não gosta do sol!





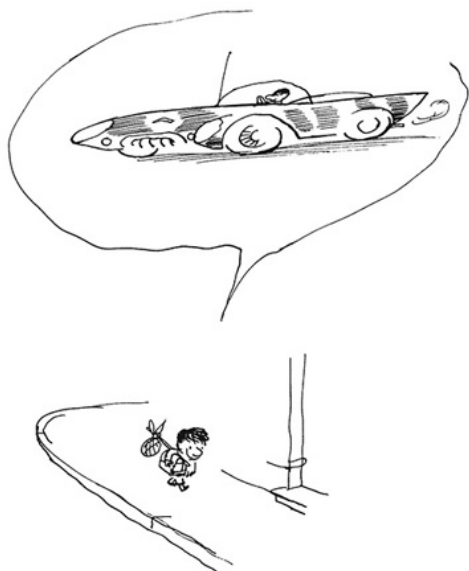


Fugi de casa

Fui-me embora de casa! Estava a brincar na sala e estava muito sossegado, e depois, só porque entornei um tinteiro no tapete novo, a minha mãe veio e ralhou comigo. Então comecei a chorar e disse-lhe que me iria embora e que haviam de ter muitas saudades minhas e a minha mãe disse: «Com tudo isto faz-se tarde, tenho de ir fazer as compras», e foi-se embora.

Subi ao meu quarto para agarrar em tudo aquilo de que preciso para fugir de casa. Peguei na pasta e pus lá dentro o carrinho vermelho que me deu a tia Eulógia, a máquina do comboiozinho de corda, com o vagão de mercadorias, o único que me resta, as carruagens de passageiros partiram-se, e um pedaço de chocolate que tinha guardado do lanche, peguei no mealheiro, nunca se sabe, posso ter necessidade de dinheiro, e fui-me embora.

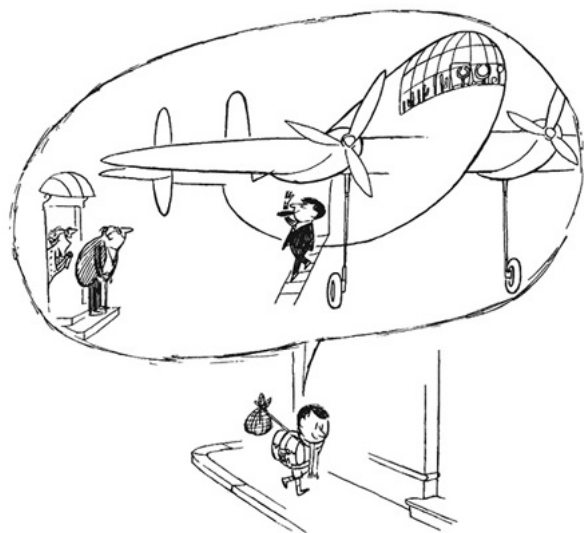
Foi uma sorte que a minha mãe não estivesse lá, de certeza que me tinha proibido de fugir de casa. Uma vez na rua, comecei a correr. A minha mãe e o meu pai vão ter um grande desgosto, hei de voltar mais tarde, quando eles forem velhos, como a vovó, e serei rico, terei um grande avião, um grande automóvel e um tapete meu, onde poderei entornar a tinta, e eles ficarão bestialmente contentes por me voltarem a ver.



Deste modo, a correr, cheguei à frente da casa do Alceste; o Alceste é um amigo meu, aquele que é muito gordo e que passa a vida a comer, talvez já vos tenha falado dele. O Alceste estava sentado diante da porta de casa, estava a comer

uma broa de mel. «Aonde é que tu vais?», perguntou-me o Alceste dando uma boa dentada na broa. Expliquei-lhe que tinha saído de casa e perguntei-lhe se não queria ir comigo. «Quando voltarmos, daqui a montes de anos», disse-lhe eu, «seremos muito ricos, com aviões e automóveis, e os nossos pais ficarão tão contentes por nos verem que nunca mais ralharão connosco». Mas o Alceste não tinha vontade de ir. «És maluco», disse-me ele, «a minha mãe vai fazer cozido esta noite, com toucinho e chouriço, não me posso ir embora.» Então eu disse adeus ao Alceste e ele acenou-me com a mão que tinha livre, a outra estava ocupada a empurrar a broa para dentro da boca.

Dobrei a esquina e parei um pouco, porque o Alceste me tinha feito fome, e comi o meu bocado de chocolate, isto vai-me dar forças para a viagem. Eu queria ir para muito longe, muito longe, para onde nem o meu pai nem a minha mãe me encontrassem, para a China ou para Arcachon, onde passámos as férias no ano passado e é bestialmente longe de nossa casa, tem mar e ostras.

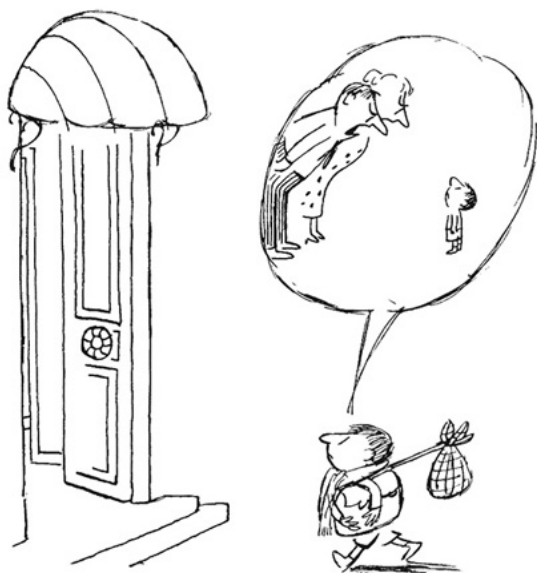




Mas para ir para muito longe tinha de comprar um automóvel ou um avião. Sentei-me à beira do passeio e parti o mealheiro e contei o dinheiro. Para o automóvel e para o avião digamos que não havia que chegasse, então entrei numa pastelaria e comprei um rim de chocolate, que estava mesmo bom.

Quando acabei o rim, decidi continuar a pé, levará mais tempo, mas como não tenho de voltar para casa, nem de ir à escola, tenho todo o tempo. Ainda não tinha pensado na escola e disse cá para comigo que amanhã a professora, na aula, diria: «O pobre Nicolau foi-se embora sozinho, sozinho e para muito longe, há de vir muito rico, com um automóvel e um avião», e toda a gente falaria de mim e estaria preocupada comigo e o Alceste havia de lamentar não me ter acompanhado. Ia ser bestialmente giro.

Continuei a andar, mas começava a estar cansado, e depois não ia muito depressa, é preciso que se diga que não tenho umas pernas grandes, não é como o meu amigo Maixent, mas não posso pedir ao Maixent para me emprestar as pernas dele. Isso, isso deu-me uma ideia, poderia pedir a um colega que me emprestasse uma bicicleta. Estava precisamente a passar em frente da casa do Clotário. O Clotário tem uma bicicleta porreira, toda amarela e que brilha muito, o que é chato é que o Clotário não gosta de emprestar coisas.



Toquei à porta da casa do Clotário e foi ele próprio quem veio abrir. «Olha», disse ele, «o Nicolau! O que é que tu queres?» «A tua bicicleta», disse-lhe eu, e então o Clotário fechou a porta. Voltei a tocar, e como o Clotário não abria deixei o dedo em cima do botão da campainha. Dentro de casa ouvi a mãe do Clotário a gritar: «Clotário! Vai abrir essa porta!» E o Clotário abriu a porta mas não estava com um ar lá muito satisfeito por me ver ali. «Preciso da tua bicicleta, Clotário», disse-lhe eu. «Saí de casa e o meu pai e a minha mãe vão ter muitas saudades minhas e hei de voltar daqui a montes de anos e serei muito rico, com um automóvel e um avião.» O Clotário respondeu-me que viesse vê-lo quando regressasse, quando fosse muito rico, então aí vender-me-ia a bicicleta. Aquilo não me servia de muito, o que me tinha dito o Clotário, mas pensei que tinha de arranjar dinheiro, com dinheiro poderia comprar a bicicleta do Clotário. O Clotário gosta muito de dinheiro.

Perguntei a mim próprio o que é que podia fazer para arranjar dinheiro. Trabalhar não podia, era quinta-feira. Então pensei que poderia vender os brinquedos que tinha na pasta, o automóvel da tia Eulógia e a máquina com o vagão de mercadorias, que é o único que me resta porque as carruagens de passageiros se partiram. Do outro lado da rua vi uma loja de brinquedos, disse para comigo que talvez aí lhes interessassem o meu automóvel e o comboio.

Entrei na loja e um senhor muito simpático fez-me um grande sorriso e disse-me: «Queres comprar alguma coisa, rapazinho? Berlindes, uma bola?» Disse-lhe que não queria comprar absolutamente nada, que queria vender brinquedos, e abri a pasta e pus o automóvel e o comboio no chão, em frente do balcão. O senhor simpático debruçou-se, olhou, ficou com um ar espantado e disse: «Mas, meu menino, eu não compro brinquedos, vendo-os.» Então perguntei-lhe onde é que encontrava os brinquedos que vendia, isso interessava-me. «Mas, mas, mas»,

respondeu-me o senhor, «eu não os encontro, compro-os.» «Então, compre-me os meus», disse eu ao senhor. «Mas, mas, mas», disse novamente o senhor, «tu não compreendes, eu compro-os, mas não a ti, a ti vendo-os, e compro-os nas fábricas, e tu... Quer dizer...» Parou e depois disse: «Hás de compreender mais tarde, quando fores grande.» Mas o que o senhor não sabia é que quando eu for grande não precisarei de dinheiro, porque serei muito rico, com um automóvel e um avião. Comecei a chorar. O senhor estava muito aborrecido, então procurou atrás do balcão e deu-me um carrinho e depois disse-me para me ir embora porque se estava a fazer tarde, que tinha de fechar a loja e que clientes como eu eram cansativos depois de um dia de trabalho. Saí da loja com o comboiozinho e dois automóveis, estava bestialmente contente. É verdade que se estava a fazer tarde, começava a estar escuro e não havia ninguém nas ruas, comecei a correr. Quando cheguei a casa, a minha mãe ralhou comigo porque estava atrasado para o jantar.

Já que é assim, está prometido: amanhã fujo de casa. O meu pai e a minha mãe hão de ter um grande desgosto e só voltarei daqui a montes de anos, hei de ser rico e ter um automóvel e um avião!



